



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA**

**O Ensino de História e o lugar do livro didático no Ensino
Médio na perspectiva de alunos e professores: CIC –
Damas e Raul Córdula**

Gilma d'Arc Batista

Pós-Graduação: Especialização em Historiografia e Ensino de História

Orientador: Prof. Dr. Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de Sousa

Campina Grande - PB
2006

Gilma d'Arc Batista

O Ensino de História e o papel do livro didático no Ensino Médio na perspectiva de alunos e professores: CIC - Damas e Raul Córdula

Monografia apresentada como exigência para a conclusão do curso de Especialização em Historiografia e Ensino de História pela UFCG, sob a orientação do Prof. Dr. Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de Sousa.

Campina Grande - PB
2006



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

O Ensino de História e o papel do livro didático no Ensino Médio na
perspectiva de alunos e professores:
CIC - Damas e Raul Córdula

Gilma d'Arc Batista

Monografia aprovada em: ____ / ____ / ____.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de Sousa
Orientador

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira
Examinador

Prof^a Ms Silêde Leila Oliveira Cavalcanti
Examinadora

Dedicatória

Aos meus filhos Flávio, Carla, Júnior e Alana.

Aos meus netos Felipe, Pedro Henrique e

João Gabriel.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a inteligência suprema e causa do universo.

A minha irmã Joana d'Arc que deu incentivo e apoio.

*A Fábio Gutemberg pela orientação competente e segura
demonstração de responsabilidade e compromisso profissional.*

*A Jahelina que muito contribuiu para que eu pudesse concluir
esse trabalho.*

*Aos professores que me repassaram novas abordagens
historiográficas.*

Aos colegas que conheci e fiz novas amizades ao longo curso.

*“A verdadeira ignorância
não é a ausência de conhecimento,
mas a recusa em conhecer”*

Karl Popper

Resumo

O Ensino de História e o papel do livro didático no Ensino Médio na perspectiva de alunos e professores: CIC – Damas e Raul Córdula.

Autora: GILMA D'ARC BATISTA
Orientador: Prof. Dr. FÁBIO GUTEMBERG RAMOS BEZERRA DE SOUSA
Examinadores: Prof^ª MS SILÊDE LEILA OLIVEIRA CAVALCANTI
Prof. Dr. IRANILSON BURITI DE OLIVEIRA

Ensinar história tem sido durante muito tempo a minha profissão, e foi assim que surgiu, a partir de minhas experiências e inquietações, o desejo e a necessidade de trabalhar com o Ensino de História, que sabemos hoje está em evidencia. Assim organizamos uma pesquisa sobre o Ensino de história e o livro didático, mostrando como os professores e alunos das séries iniciais do Ensino Médio, da rede pública e privada, vêem o ensino de história e o uso do livro didático, material que há tanto se utiliza em sala de aula. Através de questionários, onde podemos, apesar da pequena amostragem, perceber as angústias, dificuldades ou necessidades dos alunos e professores, quando questionados sobre o ensino de história e o livro didático. Foi a partir desse questionário que foram organizados dois dos capítulos que compõem o trabalho, que é formado por três capítulos. No primeiro capítulo fazemos uma discussão de como está o ensino de história hoje, isso através de questionamentos levantados pelos próprios alunos, sendo que tais questionamentos são fundamentados em autores e autoras que trabalham com esse tema. No segundo capítulo, temos como objeto central da discussão o livro didático, neste abordamos os usos que os professores e alunos fazem deste, a partir das respostas apresentadas no questionário. No terceiro capítulo discutimos como o Ensino de história é visto tanto pelos alunos quanto pelos professores hoje. Nele também abordamos as dificuldades e os desejos de mudanças que ambos querem para o ensino.

Palavras-chave: ENSINO DE HISTÓRIA, LIVRO DIDÁTICO, PROFESSOR - ALUNO.

Lista de Siglas e Abreviaturas

CIC - Colégio Imaculada Conceição

IHGB - Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

OSPB - Organização Social e Política Brasileira

PCNEM - Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio

PNLD - Programa Nacional do Livro didático

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

Introdução	10
CAPÍTULO - I	
Ensino de História: Um desafio nos dias de hoje	13
CAPÍTULO - II	
O Livro didático e seus usos	30
CAPÍTULO - III	
Ensino de História na visão de professores e alunos da primeira série do Ensino Médio	47
Considerações Finais	65
Referências Bibliográficas	69
Anexos	74

INTRODUÇÃO

A necessidade, inquietação e o desejo de publicizar minha vivência e experiência como professora de História do Ensino Médio, resultou nesse trabalho de fim de curso que ora apresento. Não é só por que leciono há mais de uma década que acho interessante falar sobre o Ensino de História. Acredito que através do relato da minha experiência vou estar dando voz a alguns colegas de trabalho e contribuindo para o repensar do Ensino de História, principalmente nas primeiras séries do Ensino Médio, já que é onde sinto maior rejeição à disciplina, este é o motivo da pesquisa.

Para realização e estruturação deste trabalho, fizemos uso de dois materiais: leitura de livros e artigos que ajudassem nas discussões e o depoimento de alunos e professores, coletado através de questionários. Questionário este aplicado tanto na escola da rede privada CIC – Damas, como na escola da rede pública Raul Córdula¹. Responderam o questionário dez alunos, sendo cinco do sexo feminino e cinco do sexo masculino; já os professores entrevistados foram seis, três do sexo masculino e três do sexo feminino.

Em se falando da bibliografia escolhida, poderíamos dizer que esta serve como fonte de leitura e também para fundamentar a discussão das questões levantadas em sala de aula pelos alunos como de suas respostas nos questionários.

Para organizar o trabalho resolvemos dividi-lo em três capítulos, onde num primeiro momento trataremos informações sobre a História do Ensino de História, através de leituras bibliográficas; neste capítulo abordaremos a história do Ensino, como o próprio título sugere, para adentrar na questão: como está o ensino de história hoje? Principalmente nas séries iniciais do Ensino Médio, que é o objeto do presente estudo.

No segundo momento do trabalho, estruturamos o capítulo intitulado “O livro didático e seus usos”, nele fazemos uma discussão a respeito do uso do livro didático no Ensino Médio, refletindo também sobre a sua influência no ensino-aprendizagem, ou melhor, questionando a sua importância para o ensino de história. Isso com base não só em leituras bibliográficas, mas também respaldado em depoimentos concedidos por alunos de duas escolas pública e privada de Campina

¹ Assim como também fizemos uso de algumas entrevistas realizada pelo projeto de pesquisa O livro didático: um problema e seus desafios.

Grande, a saber, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Raul Córdula e a Escola Imaculada Conceição – CIC – Damas, escola da rede privada de Campina Grande².

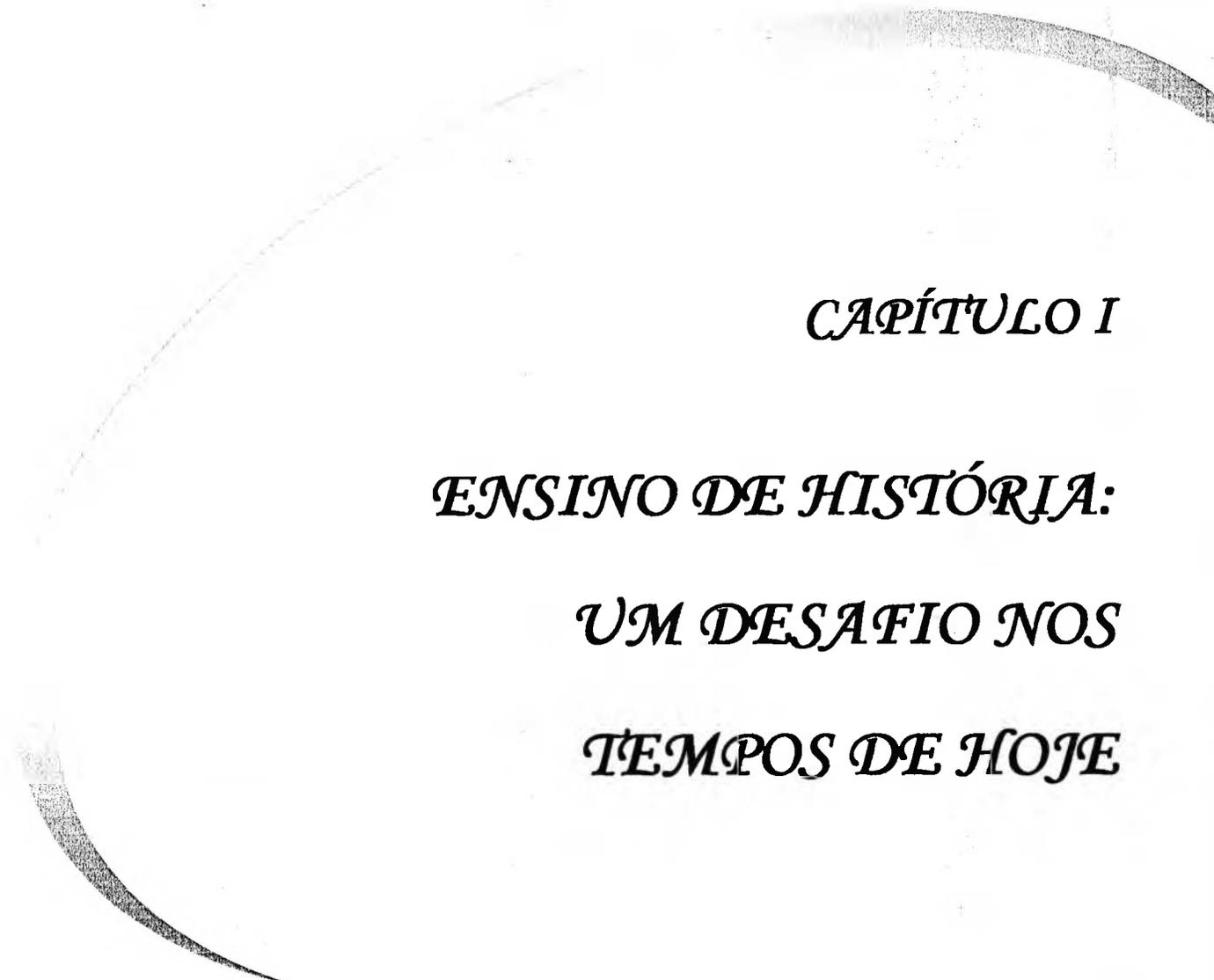
Leciono atualmente no CIC - Damas e já lecionei no Raul Córdula e isso fez e faz com que acredite ser interessante mostrar as questões que inquietam professores e alunos tanto da rede privada quanto pública, quando o assunto é o ensino de história e o livro didático nas séries iniciais do Ensino Médio, já que é nessa série que percebo nos alunos um maior desinteresse para com a disciplina, um desinteresse notável em relação a história, e a este problema atribuo a transição sofrida pelos alunos do ensino fundamental para o médio³, daí a escolha da primeira série do Ensino Médio para realizar a pesquisa.

Seria importante externar que as inquietações e angústias sobre o ensino de história e o papel do livro didático me acompanham desde o início de minha carreira como professora de história, onde num período de vinte anos já trabalhei em escolas públicas e privadas, como Escola Regina Coeli, Escola Virgem de Lourdes - Lourdinias, Colégio Pio XI, Colégio Alternativo, Escola Estadual de Ensino Médio Elpidio de Almeida – Prata, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Álvaro Gaudêncio e Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Hortênsio de Souza Ribeiro.

O terceiro e último momento, utilizamos também os questionários, no entanto aqui enfatizamos o cotidiano da sala de aula, as inquietações e sugestões dos alunos e professores sobre o Ensino da história; apresentamos através das falas destes, pontos positivos ou negativos do ensino, assim como também discutimos se o livro deve ou não ser usado em sala e qual a sua importância para o ensino de história.

² A escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Raul Córdula, é uma escola que pertence a rede pública de Campina Grande, localizada no bairro do Presidente Médice, na periferia. Esta escola tem como clientela pessoas de baixo poder aquisitivo, que trabalham como empregada doméstica, mecânico, operários e etc; escola onde lecionei durante três anos; já a escola CIC – Damas é uma escola da rede privada de Campina Grande, localizada no centro da cidade, uma das mais antigas da cidade. Segue o estilo da escola religiosa que se adequa a modernidade. Podemos dizer que é uma escola freqüentada por pessoas de posse, que têm uma boa condição financeira. Nesta leciono a quinze anos. E foi através destas experiências e convivência em sala de aula que pude perceber as distâncias entre ambas escolas e esse foi um fator primordial para a escolha dessas escolas. a minha vivência nas duas realidades.

³ Principalmente devido às mudanças sofridas pelos alunos em virtude do vestibular, já que agora os alunos das primeiras séries do ensino médio são pré-vestibulandos, pois já realizam as provas da primeira etapa do vestibular da UFPB.



CAPÍTULO I

*ENSINO DE HISTÓRIA:
UM DESAFIO NOS
TEMPOS DE HOJE*

Este capítulo tem o intento de discutir o Ensino de História, que vem passando por transformações significativas ao longo do tempo e antigos cânones têm cedido espaço a novas abordagens, objetos e problemas; novas preocupações, enfim.

Para nós professores, ganharam reforço as velhas questões: "Por que ensinar história?" e "Como ensinar a história hoje?" Baseadas nestas indagações, escolhi como objeto de estudo o Ensino Médio, para ser mais específico as séries iniciais do Ensino Médio, que é onde percebo maior desinteresse pela disciplina de História (já que leciono há anos e venho percebendo, cada vez mais, como tem sido uma árdua tarefa fazer com que os alunos estudem História). Foi a partir das minhas inquietações como professora do ensino Médio que me veio a idéia de trabalhar com a temática Ensino de História.

Contemplarei o Ensino de História nas séries iniciais do Ensino Médio buscando definir a nossa ação como historiadores, como elaboradores de discursos, selecionadores de conteúdos que implicam em um determinado percurso reflexivo a ser trilhado por professores e alunos.

Quando falamos em Ensino de História, nos reportamos logo aquelas fatídicas aulas de história porque éramos obrigados a decorar nomes, datas, fatos e acontecimentos mais importantes. Mas será que foi sempre assim? E hoje como se encontra o ensino de história? Foi para responder tais perguntas que realizamos a presente pesquisa. Neste primeiro capítulo discutiremos sobre o histórico do ensino de História, isso a partir de algumas obras que remetem ao tema, e como está o ensino de história hoje.

Para que possamos percorrer os caminhos da história do Ensino de História e tenhamos mais algumas informações, tomarei como referência Thaís Fonseca, já que a autora se propõe a discutir tal assunto, mesmo tendo Minas Gerais como centro de análise. Hoje como se encontra o Ensino de História? Para responder tais perguntas e mais algumas outras que os alunos fazem em sala de aula, como: Para que serve a história? O que o ensino de História vai contribuir em minha vida profissional? Por que o ensino de história não passa de pura decoreba de fatos e datas? Além de outras que exploraremos e tentaremos responder, haja vista que são questões complexas.

A discussão destas indagações servirão de fundamentação para este capítulo, isso claro, respaldado em autores que discutem a questão do ensino de História e o papel da História na vida dos alunos e professores, como Joana Neves, Marcos Silva, Uyaguaciara Castelo Branco, Luciana Calissi, Circe Bittencourt, Kátia Abud, Jaime e Carla Pinsky, Ubiratam Rocha, Thaís Fonseca entre outros.

Thaís Fonseca (2004) faz um histórico do ensino de história, mostrando como a história vem sendo trabalhada desde a Idade média, passando por sua inter-relação com a história sagrada, para no final do século XIX, fundamentar-se no positivismo e no marxismo. Ela nos alerta sobre a pouca pesquisa feita sobre essa temática, a *"História da disciplina no Brasil não parece interessar"*.

Os caminhos trilhados pela história ciência e a que se estuda na escola, não são os mesmos, pelo menos não o foram a princípio, segundo nos afirma Thaís Fonseca, *"(...) a história é a maior parte das vezes um passageiro clandestino nos programas oficiais, oferece mais temas para dissertações do que matéria que se baste a si própria"*. (FONSECA, THAÍS 2004:23).

De acordo com Joana Neves *"(...) Saber história é uma escolha (...)"* (NEVES, JOANA 2004:22), que como toda escolha pode ou não ser aceita. No entanto se nos voltarmos ao século XIX, no início da formação do saber escolar no Brasil, veremos que saber história não foi bem uma escolha, mas sim uma imposição, que se deu juntamente com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB, em 1837, já que este tinha uma importante tarefa: a de formar a identidade do povo brasileiro (que ainda não tinha esse sentimento formado), como nos lembra Circe Bittencourt (1997),

"[...] A existência da História escolar deveu-se sobretudo ao seu papel formador da identidade nacional, sempre paradoxal, no caso brasileiro, uma vez que deveríamos nos sentir brasileiros mas antes de tudo pertencentes ao mundo ocidental e cristão[...]" (BITTENCOURT, CIRCE, 1997: 17)

Essa história construída deveria ser conhecida por todos e não havia maneira mais rápida e eficiente do que ser difundida pela escola, saindo do IHGB direto para as salas de aula, isso claro, através do currículo e do livro didático, que eram produzidos pelos membros do IHGB.

A história passou a ocupar posição central no conjunto das disciplinas escolares, devido à afirmação da identidade nacional e da legitimação do novo poder político. Ela seria responsável por "(...) apresentar as crianças e aos jovens o passado glorioso da nação e os feitos dos grandes vultos da pátria. (...) É somente a partir daí que a história como disciplina escolar se constituiu fortemente marcada por uma perspectiva nacionalista (...)" (idem: 24 - 25).

A história ensinada no início do século XX difere um pouco da que estamos acostumados a ensinar hoje em nossas salas de aulas, visto que, no começo deste século, os positivistas buscavam explicações sobre a ordem natural da sociedade e esta vivia sob a égide do progresso e de acirradas disputas pelo poder. Dessa forma, tornou-se corrente que a história concentrasse suas atenções sobre os fenômenos político-militares, contribuindo com práticas nacionalistas, e que seus interesses recaíssem sobre heróis, mitos, acontecimentos selecionados e lineares. Até as primeiras décadas do século XX, o positivismo histórico reinava triunfante nos meios acadêmicos, ligados a instrumentos de poder na medida em que concentrava sua atenção sobre os fenômenos político-militares.

Vejamos como Katia Abud (1997) sugere mais algumas informações sobre a formação ou institucionalização da disciplina História.

A trajetória da História como disciplina escolar no Brasil, não foi tranqüila, tanto em relação à sua introdução na grade curricular da escola secundária, quanto à elaboração de seus programas. A história como disciplina escolar da escola secundária se efetivou com a criação do Colégio D. Pedro II, no final da regência de Araújo Lima, em 1837.

A História disciplina não nasceu sozinha. Foi irmã gêmea da História acadêmica. No mesmo ano em que foi criado o Colégio D. Pedro II foi criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) [...] (ABUD, KÁTIA, 1997: 29-39)

De acordo com Thaís Fonseca, o colégio Dom Pedro II foi considerado modelo para as demais escolas do Império, e por isso ele acabava ditando o currículo, de forma mais acentuada para o ensino secundário.

As décadas de 1930⁴ e 1940 foram as décadas das reformas do sistema de ensino. Nestas o Ensino de História passa a ser o centro das propostas de formação

⁴ Sobre a década de 1930 e o ensino ver: BITTENCOURT, Circe. "Identidade Nacional e ensino de história do Brasil". In: KARNAL, Leandro.(Org.). História na sala de aula. São Paulo: 2003. pp. 185-204; ABUD, Kátia. Formação da Alma e do Caráter Nacional: Ensino de História na Era Vargas. Revista Brasileira de História. v. 18 n. 36 São Paulo 1998.

da unidade nacional, o que segundo Thaís Fonseca, a história se “consolida definitivamente, como disciplina escolar”. E nos diz mais:

[...] A partir desse momento, não mais deixariam de haver programas curriculares estruturados, com definição dos conteúdos, indicação de prioridades, orientação quanto aos procedimentos didáticos e indicação de livros e de manuais. (FONSECA, THAÍS, 2004: 52)

Assim podemos ter uma idéia de onde vem e desde quando acontecem as opções e escolhas dos materiais e as maneiras de conduzir o ensino.

O ano de 1931 é marcado pela Reforma Francisco Campos, quando houve a centralização “(...) do recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública e definiu programas e instruções sobre métodos de ensino. (...)” (FONSECA, 2004: 52), isso anulava toda autonomia que as escolas tinham de elaborar seu próprio currículo ou programa.

Segundo Kátia Abud, nesse mesmo período temos por meio do Ministério da Educação, a elaboração do primeiro programa para as escolas secundárias,

[...] com a seriação unificada, a História Geral e do Brasil constituíam uma única disciplina: a História da civilização. (...) Gradualmente, por meio de vários atos legais, a história do Brasil adquiriu autonomia, quando da Reforma de 1942, de Gustavo Capanema, restabeleceu em caráter permanente a separação entre História Geral e do Brasil. [...] (ABUD, KÁTIA, 1997:33)

A reforma de 1942, acima referida, tinha como propósito usar a história como “*instrumento da educação política*”.

A própria Kátia Abud nos relata como eram organizados os programas e também as metodologias que deveriam servir para o Ensino de História “(...) eram organizados por comissões formadas pelos órgãos públicos educacionais (...)” (ABUD, KÁTIA, 1997:32); onde o conteúdo era dividido por série e procurava abranger as histórias Geral, do Brasil e da América. Essa sistemática fica validada até o ano de 1942, quando ocorre a Reforma Gustavo Capanema, nesta há uma mudança na “(...) grade curricular introduzindo uma maior carga horária às matérias do campo das humanidades (...)” (IDEM, 32.).

No ano de 1951, conforme nos informa Thaís Fonseca, é o Ministério de Educação que faz algumas mudanças nos programas para o Ensino de História, redistribuindo por séries os conteúdos para o ginásio e colegial. Mesmo assim o

Colégio Dom Pedro II ainda continuava sendo referência para o sistema educacional do país e era ele ainda quem ditava qual o programa que deveria ser seguido pelos demais estabelecimentos de ensino.

Com a instalação do Regime Militar em 1964, vemos tanto a História como a Geografia perder ou ceder espaço na grade curricular para outras disciplinas que eram consideradas mais interessantes para a ditadura, mas mesmo assim se mantiveram como disciplinas autônomas. Sendo que no colegial História e Geografia foram substituídas por Estudos Sociais, perdendo assim sua autonomia e seu caráter informativo. Serviam agora apenas para contar as histórias dos heróis.

O período após 1964,

[...] foi marcado por restrições à formação e atuação dos professores e com uma redefinição dos objetivos da educação, sob a ótica da Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento, no sentido de exercer o controle ideológico e eliminar qualquer possibilidade de resistência ao regime autoritário.(FONSECA, THAÍS, 2004:56)

Assim podemos dizer que a história estava a serviço de um Estado autoritário, pois a história ensinada nas escolas receberia ordens de cima para baixo. Nesse período seria negada a história a interpretação e a análise crítica, como bem coloca Thaís Fonseca na citação acima. O que vemos surgir nesse período é uma preocupação com o ensino da educação cívica, com as disciplinas de Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política Brasileira – OSPB, como disciplinas obrigatórias em todos os graus de ensino.

Já no final dos anos 70, veremos mudanças tanto na estrutura política do país como na educação, já que neste período presenciamos a crise do regime militar, o processo de redemocratização “e o advento de repensar as novas possibilidades de se pensar a realidade brasileira”, o que deixa mais claro que deveriam ocorrer mudanças no ensino de História, isso devido a redemocratização do Brasil.

Na década de 1980, as discussões sobre as mudanças que deveriam ocorrer no ensino de história eram intensas no Estado de São Paulo (que até então era onde ocorriam tais discussões, passando a dividir espaço com Minas Gerais mais tarde).

Essas mudanças se dariam na maneira como se trabalhar a história, onde houvesse a possibilidade de análise crítica da sociedade brasileira, “(...)

reconhecendo seus conflitos e abrindo espaços para as classes menos favorecidas como sujeitos da história. (...).” (FONSECA, THAÍS, 2004:60). No entanto como houve uma certa demora na implementação dessas mudanças e não houve espera por parte dos professores, acabou acontecendo que estes começaram a elaborar, construir seus próprios currículos, esse caminho também foi seguido pelas editoras que acabaram construindo seu currículo através dos conteúdos escolhidos e colocados no livro didático⁵, que fora influenciado pelo currículo proposto por Minas Gerais, ou melhor, o currículo mineiro foi copiado em parte, e isso pode ser observado em algumas coleções didáticas lançadas nas décadas de 80 e 90 de acordo com Thaís Fonseca.

No tocante a questão da escolha teórica para o ensino, veremos que no final dos anos 80 e início dos anos 90 a historiografia é cada vez mais influenciada pela “nova história”, particularmente a francesa, isso dava aos professores e educadores uma maior liberdade para organizar o currículo, já que não eram mais obrigados a usar os programas oficiais, pelo menos nesse momento da história, pois os historiadores voltaram-se para a abordagem de novas problemáticas e temáticas de estudo, sensibilizados por questões ligadas à História Social, Cultural e do Cotidiano.

Uma outra grande mudança e talvez a mais significativa diz respeito a preocupação de se estar de acordo com as discussões que são mantidas na academia e as que desenvolvemos nas escolas. Porém até hoje ainda lutamos para alcançar ou manter próximos esses dois mundos (universidade - espaço escolar) que deveriam ser tão próximos, mas são tão distantes.

Assim, chegamos à década de 90 com a introdução da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 – LDB, Lei 5.692/91, que trouxe mudanças para o Ensino, quando da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - PCNEM e do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, através de reformas educacionais necessárias aos desafios advindos das transformações sociais das últimas décadas. Segundo Thaís Fonseca, antes mesmo das discussões dos PCN's, em 1994, ocorria inquietações no intuito de incorporar as discussões e

⁵ Sobre esse assunto ver: MUNAKATA, Kazumi. História que os livros didáticos contam , depois que acabou a ditadura no Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.) Historiografia Brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto,1998. p.271-296.

as novas tendências historiográficas ao ensino, como a história das mentalidades e a história do cotidiano, desembocando num ensino que não privilegiasse "(...) os fatos políticos e singulares, os grandes nomes e a cronologia linear (...)" (FONSECA, 2004:66), e muito menos tivesse como base a análise econômica da história.

É nessa década também que vemos as editoras produzirem livros paradidáticos de História com base na história do cotidiano e das mentalidades. Isso ocorre devido às novas políticas educacionais e a criação do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD, "e do sistema de compras de livros, pelos governos federal e estaduais, para distribuição na rede pública de ensino". A criação de um programa que avalia o livro didático contribui para uma produção de melhor qualidade desses materiais e faz com que os autores e autoras estejam sempre procurando atualizar as discussões e abordagens teórica e pedagógica afinadas com valores e objetivos do professor, para que possa trabalhar de acordo com necessidades específicas de seus alunos.

Ainda na década de 1990 teremos como mediador do ensino os Parâmetros Curriculares Nacionais -PCN's, que para Thaís Fonseca, são "(...) diretrizes de caráter orientador, não-obrigatórias, mas que têm se apresentado cada vez mais fortemente como norteadoras das ações nos ensinos fundamental e médio" (FONSECA, THAÍS, 2004: 68). Os PCN's não devem ser vistos como uma imposição, mas sim como um meio que ajuda a direcionar as discussões, os livros didáticos e paradidáticos, isso sem esquecer da influência que o PNLD também exerce com sua avaliação, todos estes aparatos, ao nosso ver, contribuem para a melhora do Ensino de História.

No ano de 2000, as influências do ensino são também dirigidas e permeadas pelas discussões dos PCN's, já que foi em 1999 que houve a publicação do PCNEM – Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio. Este tem norteado a maneira como se deve trabalhar a história, ou pelo menos era esse o intuito quando fora produzido. É no ano de 2006 que o Governo Federal lança a campanha de entrega de livro aos alunos do ensino Médio, o que vai provocar uma certa diferença na maneira de ensinar e estudar história para esses alunos, no entanto, não adentremos nesta questão pois a aprofundaremos no próximo capítulo.

Assim, diante desse sucinto histórico do Ensino de História, vemos ou percebemos que há ou houve uma grande distância entre a importância que a

disciplina tinha nas escolas e a que vemos hoje. Diante dessa exposição da história do ensino de história, percebemos que de início a história como disciplina foi criada com um objetivo, formar a identidade nacional e por isto tinha um lugar de destaque no currículo. No decorrer do tempo, a história passou por momentos difíceis, mas depois recuperou seu lugar, no entanto, hoje vemos que ensinar história não é fácil, a disciplina não é bem aceita pelos alunos; para alguns alunos o ensino de história é baseado ainda na memorização de datas e nomes de grandes personagens. Mas como o Ensino de história vem mudando através de discussões em torno dos currículos, que se respaldam nos PCN's, pode ser que não tarde muito e os alunos, os próprios professores e a escola como um todo percebam a importância que tem essa disciplina na formação das pessoas, não só do aluno, estudante, mas também do cidadão e do sujeito em si.

Há um outro ponto que seria interessante discutir ainda sobre o Ensino de História neste momento. Quando falamos em conteúdos, vemos que há toda uma influência por traz de suas escolhas e essas refletem diretamente no material que usamos em sala de aula e, sobretudo, no livro didático⁶.

Pensando neste aspecto, vemos que existe uma necessidade urgente de incorporar as mudanças que vêm acontecendo no ensino de História do Ensino Médio e na forma de utilização do livro didático em sala de aula. Para que isso aconteça se faz necessário uma busca pela história viva, uma história prazerosa tal qual nos apresenta Marc Bloch e não a esquemática, como vemos.

Essas mudanças teriam de acontecer primeiramente a partir da quebra do poderio das universidades em relação ao conteúdo para o Ensino Médio (voltados para o vestibular), ou mesmo de uma postura mais maleável entre estas instituições de ensino e as escolas. Aí sim poderíamos trabalhar com os alunos uma história viva, onde poderíamos lançar mão de questões mais próximas aos acontecimentos do dia-a-dia, sem ter a responsabilidade de se passar todos os conteúdos propostos para tais séries, a fim de realizarem as provas do vestibular. Só assim poderíamos nos libertar desse castigo, desse rígido programa imposto a nós professores e alunos.

⁶ Nosso objeto de análise no próximo capítulo.

Percebemos estas influências na maneira de organizar os conteúdos com a Reforma Francisco Campos, que

“[...] estendeu a equiparação aos colégios mantidos pelos municípios, associações, ou particulares. Os programas e métodos de ensino, porém, seriam produzidos pelo próprio Ministério. Eliminava-se desse modo a atribuição dos ginásios estaduais de elaborarem seus próprios programas, acentuando a centralização uniformizadora do ensino secundário. Paralelamente foi organizado um sistema de inspeção federal do ensino secundário, aprofundando ainda mais o controle exercido pelo governo central [...] (ABUD, KÁTIA, 1997:32)

Assim vemos desde quando e quem é que vem moldando os currículos e os conteúdos que devem ser trabalhados nas séries iniciais do ensino de História. Há tempos o professor não se impõe, toma à frente o comando das escolhas do conteúdo como também do livro didático. Acredito que se pudéssemos quebrar essa tradição de imposição curricular, de aceitar currículos prontos e acabados (afinal cada um sabe a realidade que vive e como podem ser trabalhados os conteúdos) e uma melhor maneira de organizá-los, possivelmente o ensino de história seria diferente e prazeroso para o aluno. Sabemos que não é tão simples assim e que as mudanças não acontecem de maneira súbita também que não é fácil fazê-las, pois existe toda uma política educacional que dá sustentabilidade ao programa e as escolhas que vivenciamos e utilizamos em sala de aula. Contudo a partir da realidade vivida em sala, do cotidiano do professor, vê-se que as mudanças devem acontecer, mesmo que lentamente, como podemos perceber, por exemplo, na maneira como estão sendo elaboradas as provas de História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, introduzindo as discussões trazidas pelos PCN's, PNLD, assim como também as discussões teóricas discutidas na universidade, onde busca-se incentivar o aluno a aprender a ler a história não somente em trechos de livros mas também em imagens, fotos, músicas, literatura, entre outras linguagens, e vemos isso ser aplicado às provas do vestibular, o que é um grande incentivo à mudança da postura do aluno e do professor em relação à disciplina.

Hoje pode se dizer que há uma maior flexibilidade com o discurso dos Parâmetros Curriculares Nacionais, documento elaborado a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, que

"[...] explicita as grandes linhas da Constituição e detalha os encaminhamentos a serem dados para que se implementem as reformas educacionais que se fazem necessárias frente aos desafios advindos das transformações sociais das últimas décadas. [...]" (BEZERRA, HOLIEN, 2003: 6)

O Conselho Nacional de Educação, que regulamenta "(...) os dispositivos da LDBN por meio das **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**, de 1998 (...)", repassou as mudanças ou novas implementações de forma mais "detalhada e direcionada" para os professores e profissionais da área de educação, no ano de 1999, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio; este teve um complemento no ano de 2002, onde foram incluídas "(...) outras orientações educacionais que aprofundam os sentidos dos principais princípios que dão sustentação a todo arcabouço das reformas pretendidas (...)".(BEZERRA, HOLIEN: 2003:6)

A partir desse pequeno ou sucinto esclarecimento sobre o surgimento dos PCN's para o Ensino Médio, vejamos qual é o objetivo do Ensino Médio:

[...] não é o de preparar os alunos para uma outra etapa escolar ou para o exercício profissional, mas sim o de complementar a educação básica, ao preparar o educando para a vida, qualificar para a cidadania e capacitá-lo para o aprendizado permanente e autônomo (BEZERRA, HOLIEN, 2003:7).

E o que Holien Bezerra tem a nos dizer sobre a seleção de conteúdos.

"(...) sugere-se que (na seleção de conteúdos) sejam superados os pressupostos tradicionalmente adotados na escola, que se pautam pela sucessão temporal linear, e que seja adotada a flexibilidade de formas de organização programática como critério fundamental. (...)" (BEZZERA, HOLIEN: 2003 p.)

No entanto, a prática nos permite fazer uma outra leitura, mas severa e rígida, e muitas vezes somos impedidas de realizar as recomendações desse documento, uma vez que o tempo de estudo é curto e as condições de trabalho também nem sempre são favoráveis. Jaime e Carla Pinsky em seu texto "O que e como ensinar: por uma história prazerosa e conseqüente"⁷, não concordam com essas "justificativas", para eles devemos como professores levar todas essas reclamações as esferas competentes e lutar para melhorar a situação, pois isso não é desculpa para falta de empenho profissional. No entanto sabemos que a realidade do

⁷ Ver: PINSKY, Jaime & Carla PINSKY. "O que e como ensinar: por uma história prazerosa e conseqüente". IN: KARNAL, Leandro. (Org.). História na sala de aula. São Paulo: 2003.

profissional de história vai bem além do seu empenho, é preciso muito mais que vontade para exercer tal profissão hoje no Brasil.

Quando nos reportamos sobre a abordagem que é dada hoje ao Ensino de História nas séries iniciais do Ensino Médio, vemos e vivenciamos (as escolas escolhidas para a pesquisa trazem um pouco disso) um ensino de história ancorado na história tradicional, onde esta é abordada em seu aspecto descritivo e linear, desconsiderando muitas vezes as novas propostas (presentes nos PCn's) voltadas para a organização de eixos temáticos, estudos de caso e problemas próximos da realidade dos alunos, que forneçam a leitura crítica do processo ao longo dos tempos.

Mesmo quando buscamos inovar com materiais, linguagens diferentes sentimos resistência por parte dos alunos e da coordenação da escola, aí é preciso retroceder e voltar a velha e "boa" aula expositiva, em que o professor fala, alguns alunos escutam e outros fazem perguntas (a minoria).

No entanto, como professora das series iniciais do Ensino Médio, sabemos que a cobrança é tamanha para que possamos "passar" todo o conteúdo exigido ou previsto para o vestibular e isso impede qualquer tentativa de inovação, pois somos coagidas a trabalhar na perspectiva do vestibular, caso contrário... Mas isso não significa que aceitamos e concordamos com essa prática e essa pesquisa quer mostrar um pouco disso, que nem os alunos nem os professores estão satisfeitos com os rumos que estão sendo ditados para o Ensino.

Sabemos também que não é só isso que impede ou faz com que os alunos não gostem da disciplina história, existem outros fatores que contribuem⁸. Daí sabermos que essa não é uma tarefa fácil, sabemos que não existem receitas prontas, mas se trilharmos alguns caminhos podemos facilitar essa empreitada. Por isso, é preciso vontade, é preciso que se tenha ousadia e coragem, caso contrário, continuaremos a ouvir que a nossa disciplina é apenas uma decoreba de datas e nomes.

Essa concepção de decorar, como nos informa Joana Neves (2004), advém da escola "tradicional", onde

⁸ Ver anexos

"[...] o quadro de giz, antigamente negro (...) é símbolo de um modo de aprender (...) o modo que supõe o uso da palavra: falada pelo professor que **dava** (às vezes **ditava**) a aula (...) Ouvir o professor, copiar o que ele escrevia no quadro; era assim que aprendia [...]" (NEVES, JOANA, 2004:25)

E nos diz mais:

"Muita gente aprendeu história assim. E gostou. Para muita gente, porém, para a maioria, segundo consta, esse tipo de ensino de história significava o martírio da 'decoreba': nome, fato, data... Mais nome, fato, data. Além do tormento, a 'chatices' e, não raro, a nota zero." (IDEM, 25)

Sabe-se que hoje a escola mudou, embora não totalmente, mas busca-se outro tipo de ensino e aprendizagem da história. "(...) Agora o que se requer é uma identificação entre ensino e pesquisa, entendidas, ambos, como **produção de conhecimento histórico**. (...)" (NEVES, JOANA, 2004: 25)

O que devemos pensar como mudanças não deve ocorrer apenas com os aparatos técnicos (data-show; cd's; computadores entre outros), mas sim primeiramente com o nosso conhecimento teórico, conhecimento adquirido ao longo dos estudos, pois é através das questões levantadas em sala pelos alunos que as aulas se nortearão; Joana Neves reforça essa idéia quando nos diz que na nova escola "(...) O bom professor de história identificará, por meio dessas questões, qual é a narrativa histórica que comporta a medida da escola, isto é, aquela que cumprirá, melhor do que qualquer outra, a função de **educare**."(NEVES, JOANA, 2004: 25).

É preciso fazer mudanças não só no papel, mas também na prática... com propostas alternativas para o Ensino e aprendizagem de história, que superem as limitações dos materiais didáticos – os livros em especial – e promovam a melhoria da qualidade do Ensino de História no Ensino Médio, como também incorporar "novas linguagens" como cinema, música, literatura, jornais, charges para que assim possamos fazer com que os saberes existentes não sejam ou se tornem compartimentados e para que também possamos fazer com que os alunos se vejam como sujeitos que sabem e gostam de História e não somente sujeito que a decoram, em todos os sentidos.

Existem profissionais dedicados e competentes, esforçando-se para que crianças, jovens e adultos apreciem os conhecimentos históricos, desejem seus resultados e expandam o entendimento da história ao longo de suas vidas.

Entretanto sabemos que os profissionais de história enfrentam sérios obstáculos no desenvolvimento de suas atividades: salarial, escassa autonomia no trabalho (este talvez seja um dos mais sentidos, fora claro a questão salarial), cargas horárias que esgotam o tempo para leituras, forte defasagem entre desejos e necessidades de professores e alunos. E começam aí os dilemas vividos pelos profissionais que optam por seguir a carreira de professor.

Para Circe Bittencourt (1997), o profissional de história, ou mesmo o professor nesse momento tem sido objeto de reflexões...

O momento atual tem propiciado a introdução de algumas reflexões sobre a necessidade urgente do ofício do historiador e professor de história no sentido de evitar a amnésia da sociedade atual marcada por incertezas e perspectivas indefinidas [...] (BITTENCOURT, CIRCE, 1997: 14)

Hoje mais do que nunca busca-se mudanças no ensino e isso advém de questionamentos, da rejeição ao estudar história e tudo isso (essas mudanças) que se propõe a ser realizado acontece no intuito de descartar uma velha concepção: a de que lecionar história é algo muito fácil, pois esta é matéria decoreba, não exige raciocínio, haja visto que o conhecimento está todo nos livros didáticos, nunca muda e a grande tarefa do aluno é repeti-lo.

Diante dessa assertiva devemos aqui abrir uma caixa de diálogo e perguntar: mas por que será que se pensa isso? Estará certa essa afirmação de que o conteúdo de história nunca muda? Desde quando o conteúdo trabalhado ou escolhido para tal é ensinado nas séries iniciais do ensino Médio? Quem elabora a proposta curricular? Quem escolhe os conteúdos a serem discutidos em sala?

Entretanto para aqueles que ainda procuram saber para que se ensina, estuda história, utilizo-me mais uma vez das palavras de Joana Neves para responder, quando ela nos diz que aprender história significa "(...) apreender o ser humano como agente/construtor da sua própria existência"(NEVES, JOANA, 2004: 28), já que estudamos o homem e suas manifestações.

Assim, de acordo com Joana Neves "(...) O professor de história, ao exercer o ofício do historiador na sala-de-aula, usando livremente o quadro de giz, ensina que esse conhecimento é imprescindível. Ou nada do que ensinar valerá a pena." (IDEM, pp.28) (grifo nosso).

Enfim, sabemos que a origem da disciplina história foi direcionada, tinha um objetivo: formar a identidade do Brasil, e que ao longo da nossa História ela passou por inúmeras modificações, sofreu alterações, foram feitas releituras do seu objetivo inicial. Hoje vemos que ela já não tem mais tanta autonomia, tanta importância como outrora lhe era atribuído. O que vivenciamos hoje é uma rejeição considerável por parte dos alunos em relação a uma disciplina que muito poderia contribuir para sua formação pessoal, dando-lhe a alternativa de saber mais sobre ele mesmo e sua história, contudo o momento que vivemos, as cobranças estipuladas para o Ensino Médio não é o formar, educar, refletir, mas sim reunir a maior quantidade de informações sobre a história de maneira geral, e nas séries iniciais, se ater a História Geral, para que assim se consiga a aprovação em concursos de vestibular.

O ensino de História hoje, nas séries iniciais do ensino Médio, em grande parte das escolas e de maneira mais acentuada nas escolas particulares, deixa de ser um momento de discussão e aprendizagem, voltada para as questões do nosso meio, da realidade que vivenciamos como propõem os PCN's, para se ater apenas e somente à contemplação dos programas de vestibular.

Será que é a isso que se resume ser professor de História do Ensino Médio das séries iniciais? Passar o conteúdo escolhido e selecionado? Dar aulas para que os alunos tenham um bom desempenho nas provas?

Sabemos que não é apenas esse o nosso compromisso com o ensino, mas se é ou está sendo uma exigência do momento em que vivemos, como poderíamos contornar essa ditadura do vestibular, para realizar aulas mais prazerosas e atraentes, menos tradicionais, digamos?

As novas linguagens servem para que se estreite um pouco os laços desprendidos entre os alunos e a disciplina história, contudo o mal uso destas pode fazer surgir um abismo. Não é só a linguagem escrita que torna a disciplina chata e sem graça para muitos alunos, mas sim a maneira como se conduz a leitura desta escrita. Muitas vezes nem a mais atual tecnologia faz com que os alunos se interessem pelos conteúdos trabalhados em sala, mas mesmo que tentemos fugir ou usar outras maneiras de ministrar as aulas, sempre acabamos optando pela maneira tradicional, pois os alunos por mais que achem ruim, acreditam ser a maneira mais adequada de aprender, de assimilar os conteúdos.

O que talvez ainda faça os alunos estudar história, nesse momento tão competitivo que se vive na sociedade, é justamente o ingresso na universidade, à oportunidade de um título. Por que se formos analisar não é o conhecimento da história, dos acontecimentos, entender como e porque somos uma sociedade organizada dessa maneira e não de outra, que os motiva, mas categoricamente é a oportunidade de ingressar numa universidade. E esse também é um fator que ainda mantém a história no ensino, pois parece que só assim os alunos ou mesmo os professores se dão conta da importância de se estudar história e isso não deveria ficar resumido a algumas aulas e conteúdos, mas deveria refletir no ensino como um todo, onde desde as séries iniciais já houvesse espaço para que os alunos pudessem manter contato com essa disciplina, para que assim ao longo da vida escolar fossem sendo envolvidos pelo prazer de se estudar e aprender história.

Vejamos o que nos diz Circe Bittencourt sobre os fatores que contribuíram para a permanência da história enquanto disciplina que faz parte da grade curricular.

A permanência da História parece assegurada por inúmeras propostas curriculares que tem sido produzidas por Secretarias de Educação de estados e municípios brasileiros a partir de 1985 e mais recentemente, pelo próprio Ministério da Educação na elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais. (...) A manutenção de uma disciplina escolar no currículo deve-se a sua contribuição com os grandes objetivos da sociedade. [...] (BITTENCOURT, CIRCE, 1997: 11;17)

Um desses objetivos desde o momento da sua origem foi formar uma identidade para o povo brasileiro, como já havia dito antes, o que também percebemos hoje só que de uma outra maneira, de forma mais sutil, pois procura-se estudar alguns aspectos regionais que antes não eram considerados, por exemplo, mas que fica apenas na proposta. Para os professores a difícil e árdua tarefa ou missão de tornar os alunos capazes não só de aprender o conteúdo, mas também se envolverem com a história, para isso nos munirmos de várias armas, como as tecnologias que os alunos conhecem e estão disponíveis.

Enfim, a história é definida por Joana Neves (2004)

[...] como um campo de conhecimento inserido no processo educativo e o inclui, como matéria/disciplina, nos currículos escolares. É preciso estar alerta, porém, para o fato de que a história, como matéria/disciplina escolar, vive sendo ameaçada de perdas de espaços curriculares. E no entanto resiste. [...] (NEVES, JOANA, 2004: 22) (grifo nosso).

Mesmo fazendo parte do currículo escolar desde o início, digamos, do que se projetava para educação no Brasil, a história foi posta na condição de matéria secundária, enquanto disciplina, entretanto, vem mostrando sua importância como formadora de conhecimentos sobre os acontecimentos e fatos e sobre a narrativa histórica.

Hoje continuamos nessa batalha que é ensinar história, já que grande parte dos alunos com os quais tenho experiência, acredita não ser importante o ensino ou aprendizagem desta disciplina, quando não a tacha de matéria puramente decorativa, como poderemos ver em alguns depoimentos no capítulo que se segue. Porém não devemos generalizar esta visão pessimista, existem alunos que também sabem e valorizam a importância de se estudar história, e estes muito nos auxiliam nessa caminhada, pois acredito que a tarefa mais difícil que se dá na relação professor-aluno, é ensinar a quem não quer aprender, já que essa deveria ser a base ou o ponto de partida do ensino: o interesse do aluno pela disciplina ou conteúdo a ser estudado.

CAPÍTULO II

O LIVRO DIDÁTICO E

SEUS USOS

Sabendo que o livro didático tem sido objeto de pesquisas e interrogações diversas, me proponho nesse capítulo a discutir sobre os usos que são feitos pelos professores de história e alunos das séries iniciais do Ensino Médio, desse material que tanto utilizamos em sala. Para isso faremos leituras de autores e autoras como Circe Bittencourt, Luciana Calissi, José Rivair Macedo, José Baldissera, Kazumi Munakata entre outros que trabalham com o livro didático.

Não iremos nesta pesquisa nos ater a fazer um histórico do livro didático⁹ de história, o que sabemos é importante, porém outros autores já se encarregaram dessa tarefa, o que vamos explorar sobre o livro didático é o uso que os professores e alunos de algumas escolas (públicas e privadas) de Campina Grande fazem dele hoje.

Aqui iremos trabalhar sob o prisma de duas visões de como o livro didático pode ser apropriado, isso a partir de duas experiências diferentes. Escolhemos como objeto de análise desses usos duas escolas de Campina Grande, uma da rede privada – Colégio Imaculada Conceição – CIC, onde leciono, e outra da rede pública, a Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Raul Córdula, onde já lecionei e hoje apenas realizo a pesquisa, daí o motivo da escolha, por saber e vivenciar tais experiências e práticas em relação à utilização do livro didático no Ensino de História, no Ensino Médio, uma vez que também já lecionei na rede pública.

O objetivo da pesquisa referente ao livro didático é apresentar não apenas problemas ou diversas interpretações, mas também reflexões sobre o papel que desempenha no processo ensino-aprendizagem. Principalmente mostrar como o livro didático vem sendo encarado hoje por professores de História e alunos das primeiras séries do Ensino Médio.

⁹ Ver: FONSECA, Selva Guimarães. Caminhos da História Ensinada. São Paulo: Papyrus, 1995; FONSECA, Thaís de Lima e. História e Ensino de História. Belo Horizonte: Autêntica. 2003; BALDISSERA, José Alberto. O livro didático de História : uma versão crítica. Porto Alegre: EVANGRAF. 1994; ABUD, Kátia. Currículos de História e políticas públicas: os programas de história do Brasil na escola secundária. In: BITTENCOURT, Circe. (org.) O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1997. pp. 28 – 41. SILVA, Jahelina Almeida. Uma História do livro didático de História. IN: A Paraíba Colonial nos livros didáticos de história da Paraíba: uma análise historiográfica. Monografia da Especialização, 2006. pp. 09 -22.

Assim, diante dessa apresentação dos objetivos iremos nos reportar ao objeto central do capítulo, que é o livro didático. Quando falamos neste material didático recorremos a Circe Bittencourt (2004) para nos ajudar a defini-lo.

Os livros didáticos, os mais usados instrumentos de trabalho integrantes da 'tradição escolar' de professores e alunos fazem parte do cotidiano escolar há pelo menos dois séculos. Trata-se de objeto cultural de difícil definição mas pela familiaridade de uso é possível identificá-lo diferenciando-o de outros livros. (BITTENCOURT, CIRCE, 2004: 299)

É preciso também estar alerta para a utilização que é feita desde o século XIX, como apresenta Circe Bittencourt (1997) "(...) servindo como mediador entre a proposta oficial do poder expressa nos programas curriculares e o conhecimento escolar ensinado pelo professor (...)" (BITTENCOURT, 1997: 73). No entanto, de acordo com a autora, para entender o papel do livro didático na vida escolar é preciso analisá-lo em "todos os aspectos e contradições".

O livro didático de história deve ser pensado não como mero manual descritivo ou enciclopédico (como muitos acham), mas como instrumento e estratégia pedagógica que possibilita ao professor despertar em seus alunos interesses e motivações pelo mundo. Assim como as aulas de história, o livro didático cumpre melhor a sua função quando consegue criar situações de aprendizagem.

Ele também não deve ser encarado apenas como um material que é consumido pelos professores e alunos, ele tem sido objeto de várias pesquisas e estudos, podendo ser observado a partir de várias perspectivas, como por exemplo, pode ser analisado como uma mercadoria, como objeto construtor de identidades, depositário de conteúdos¹⁰, entre outras. No entanto, escolhemos tocar no ponto referente ao uso que se faz desse material didático.

Todavia para melhor compreender o complexo fenômeno que é o livro didático, devemos considerar seus vários aspectos, entre eles o de instruir o aluno e o trabalho do professor, já que o livro didático "(...) continua sendo o material didático referencial de professores, pais e alunos que, (...) consideram-no referencial básico para o estudo (...)" (BITTENCOURT, CIRCE, 1997:71).

¹⁰ Sobre esses assuntos ver: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Livro didático entre textos e imagens. In: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.) O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1997. pp. 69 – 90.

Idéia essa que ainda vemos predominar nas escolas públicas e privadas, muitas vezes defendida por professores de história, mesmo diante das novas discussões sobre o ensino de história e das contribuições dos PCN's para o Ensino Médio e o Ensino de História. Contribuições essas que acompanham, segundo Fábio Gutemberg Sousa,

[...] os debates e as preocupações dos especialistas que elaboram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e participam do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que, além de defenderem a melhoria na qualidade do livro didático e o conceberem como um dos recursos e não o único, estimulam o uso de diferentes linguagens e metodologias em sala de aula ou fora dela, o que termina por redefinir o papel do manual ou livro didático de ensino (SOUSA, FÁBIO, 2003:3)

E segundo Holien Bezerra, há a publicação dos PCNEM em 1999, e estes são complementados em 2002

[...] por outras orientações educacionais que aprofundam os sentidos dos principais princípios que dão sustentação a todo arcabouço das reformas pretendidas e consubstanciadas nos documentos legais anteriormente lembrados. Dessa forma, embora os PCNEM não tenham obrigatoriedade na implantação do sistema de ensino no país. sua intenção é de colaborar para que os agentes educacionais busquem a coerência necessária entre os princípios que regem o processo educacional e sua implementação em todo o território nacional, resguardadas as especificidades regionais [...] (BEZERRA, HOLIEN,; s.d.p.6) (grifo nosso)

Vemos, assim, que da mesma forma que acontece com os PCN's para o Ensino Fundamental, os que são destinados ao ensino Médio também não tem a intenção de ser uma obrigação, são apenas uma colaboração na tentativa de se discutir e até mesmo mostrar novas ou outras possibilidades de trabalho.

Assim vemos o quanto é importante o papel do professor no Ensino Médio, pois é ele que seleciona o que vai trabalhar. Dessa forma não se pode omitir ou anular o poder do professor, pois é ele o responsável, em sua grande maioria, pela escolha do livro e o uso ou leitura que se fará deste.

A sua condição de material central, que é usado como única fonte de informação para os alunos e professores, faz com que ocorra um maior investimento por parte do Governo e até das editoras, porém para Faversoni os livros didáticos recebem tanto investimento financeiro, "(...) tanta atenção e continuam sendo tão fracos. (...)" E diz mais:

A formação dos professores, as oportunidades de requalificação, a remuneração recebida, o tempo para investir na preparação do trabalho da sala de aula, tudo enfim, é muito precário. É para esse professor, nessas condições reais, que o livro é feito. Com todo risco que a generalização impõe e ressaltando as honrosas exceções creio ser possível dizer que bem comparadas a qualidade das obras e dos professores não dista muito uma da outra e a chave para termos melhores livros está em termos professores capazes de utilizá-los. Ou seja, parece-me que há uma correlação entre essas variáveis e a determinação é mais forte no sentido professor – livro do que em sentido contrário[...]. (FAVERSANI 2001: 12-3).

Devemos também considerar que muitas vezes "(...) o livro didático é o único material disponível não só para os alunos, mas também para professores. (...)" (FAVERSANI, 2001:11). Kátia Abud citada por Luciana Calissi (2004) tem a mesma opinião sobre essa função que é também absorvida pelo professor "(...) outra função assumida pelo livro didático: a de informar também o professor. Este em razão das deficiências de formação e das condições de trabalho que enfrenta (...)". (ABUD apud CALISSI, 2004: 48)

Como acontece em grande parte das escolas públicas, pensamos que a realidade é diferente de algumas escolas privadas. No entanto os professores da rede privada também enfrentam condições deficientes, já que alguns deles também têm dupla ou tripla jornada ou mesmo carga de trabalho e isso é um forte fator desencadeante do ensino lacunar, uma vez que os professores ficam sem tempo para poder se atualizar e preparar melhor suas aulas.

Os profissionais do ensino de história, como podemos perceber, são os mesmos em ambas escolas, no entanto, a disposição e o compromisso são pontos que ficam a desejar, já que as cobranças direcionadas ao professor como, por exemplo: a utilização de materiais diferentes¹¹ para inovar na aula, metodologia, conteúdo, divergem de acordo com a realidade que vivenciam e isso acaba refletindo no processo de ensino – aprendizagem, pois fica à mercê do professor escolher se ele trabalha ou apenas vai repetir o que o livro por si só apresenta, é essa a grande diferença, a vigilância e acompanhamento que não existe de fato nas escolas públicas, mas que é visível nas escolas particulares, daí percebermos em muitos professores essa dualidade de responsabilidade com relação ao ensino.

¹¹ Como filme, música, literatura, cinema, fotografias entre outros que estão lentamente sendo incorporadas ao ensino de história, e vemos que está sendo bem recebida. Para que assim possamos nos desapegar do livro mesmo que momentaneamente.

José Rivair Macedo (2000) nos diz que "(...) o livro didático é imprescindível no processo de ensino-aprendizagem em que pese suas deficiências, suas insuficiências e seus lugares comuns" (MACEDO, 2000: 289). Concordamos com ele já que sabemos que grande parte dos alunos e também de alguns professores não tem outra fonte de informação sobre a história¹², ficando resumida muitas vezes a leitura do livro didático, o que só vem reforçar a importância desse material, mas também por ser de certa maneira acessível a todos; sabemos que existem tantas outras fontes de informação sobre a história que estão à disposição como a TV, os filmes, os documentários, os jornais, revistas, gibis, internet, no entanto, sejamos realistas, fazer os alunos se aproximarem do livro didático já é tarefa complicada, fazê-los enxergar essas outras mídias então...

A pouca informação que os alunos possuem sobre a história faz com que o livro didático se torne esse material indispensável e de maneira mais acentuada nas escolas públicas, pois sabemos que nessa o poder aquisitivo tem um papel importante, o que reflete diretamente na educação. Quando elencamos o poder aquisitivo como "responsável" pela má informação ou formação dos alunos, não estamos querendo dizer que esse é o único fator responsável, poderíamos aqui falar do interesse dos alunos, das oportunidades que lhe são dadas, entre tantos outros, contudo, é importante lembrar que as condições econômicas delimitam, demarcam até onde podemos ir ou não, pois sabemos que a informação custa caro, comprar livros, ter acesso a internet, a leitura de jornais, revistas (Veja, Época, Super Interessante, Nacional Geographic, entre outras), assistir a um bom canal de televisão, filmes (nem tanto devido a pirataria), tudo isso é dispendioso e reflete na aprendizagem e desenvoltura do aluno. Mas poderia se dizer que se o aluno buscasse com um pouco mais de interesse alternativas para suprir tal deficiência, poderia utilizar as bibliotecas públicas (que também estão sucateadas), ler revistas e livros emprestados de alguém, ou mesmo unir-se com um grupo para estudar além de tantas outras possibilidades que a sua imaginação lhe permite. Contudo achamos que tudo isso é reflexo do baixo poder aquisitivo, pois se tivessem direito a ter todos esses materiais à disposição o nível de discussão e interesse, o ensino como um todo seria diferente.

¹² Ver: CALISSI, Luciana. *Historiografia didática*. In *A formação do Historiador: tradições e descobertas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2004. pp. 47-64

É importante esclarecer que em ambas as escolas o livro didático existe, no entanto o que difere é o uso que é feito deste, tendo em vista que nas escolas privadas os professores e alunos possuem o livro didático e o usam através de pesquisas, leituras e realização dos exercícios propostos em sala de aula e até mesmo em casa; já na escola pública apenas o professor possui este material, e aí tem que arquitetar alternativas para suprir esta lacuna no Ensino Médio.

Falar do livro didático e seu uso em sala de aula, é tocar também no processo ensino-aprendizagem que decorre dessa interação, aqui não seria possível esquecê-lo.

Falar do uso do livro didático de História e sua importância não é fácil, acho bastante polêmico e desafiador. Além disto, os inúmeros livros didáticos de história que contemplam conteúdos das séries iniciais do Ensino Médio apresentam um conteúdo programático que muitas vezes interfere no processo de aprendizagem, pois são carregados de conteúdos que somos obrigados a trabalhar já que é uma exigência do vestibular, e isso dificulta o ensino aprendizagem, como os próprios alunos reclamam. Os fatores que interferem muitas vezes são a preguiça (no tocante a leitura); resistência do aluno pela disciplina; problemas com as metodologias de alguns professores e tantos outros. Questão essa que é conflituosa, pois muitas vezes o professor prepara uma aula, quer passar um determinado conteúdo, no entanto, os alunos não dão muita importância, ou mesmo não demonstram interesse, não ocorrendo assim à interação necessária para tal processo. E isso acontece possivelmente muitas vezes devido ao desinteresse com que os conteúdos ou mesmo a disciplina aparecem para os alunos, devido a grande carga de leitura, do uso muitas vezes exagerado, mas preciso da oralidade que se disponibiliza para o repasse dos conhecimentos.

Sobre a questão da aprendizagem no ensino de História, Claudia Wasserman nos diz que "(...) O processo ensino-aprendizagem não depende do livro didático, mas da metodologia escolhida e das finalidades da educação (...)" (WASSAERMAN, 2000: 254). Concordamos com a sua afirmativa, já que não há aprendizagem apenas com o livro, é preciso à intervenção do professor, a interação que ele faz com o texto para que assim se dê o processo de aprendizagem. Devemos lembrar também que a aprendizagem não depende exclusivamente do professor, pois muitas vezes

Espera-se que ele seja o promotor da união entre a competência acadêmica (domínio dos saberes) e a competência pedagógica (domínio de transmissão do saber), aliando competência, convicções e experiências de vida. A sua autoridade residiria também na capacidade de estabelecer uma espécie de comunicação individual com o seu aluno, levando-o a ter intimidade com um certo passado ou quem sabe, com um determinado presente. (SCHIMIDT, MARIA AUXILIADORA, 1997:56)

Assim vemos o quanto o professor é colocado no centro desse complexo movimento de aprendizagem, espera-se que ele domine conteúdo, teoria e também envolva os alunos numa busca e interesse pelos acontecimentos passados; esquecem que o professor é apenas um simples mortal e não um deus ou mago capaz de fazer tamanha proeza. Como afirma a professora Francisca Chagas¹³, "(...) fica muito difícil para se trabalhar por que na teoria é muito bonito (...) você tem que procurar dar aula assim, tem que ser dinâmico, mas vá para a sala de aula, vá para a sala de aula que você vê que a realidade..." Tudo bem ter que possuir as ferramentas necessárias - o conhecimento teórico e a desenvoltura para tal tarefa -, no entanto estamos falando na relação professor-aluno e esta é a mais árdua e talvez a mais difícil de todas, pois estamos lidando com pessoas e quase nunca conseguimos agradar a todos, nesse caso seria melhor dizer seduzir a todos e fazê-los entender o porquê de se estudar história, da sua importância para nossa vida.

É sabido de todos que lecionar a disciplina história não é algo realizado apenas por pessoas licenciadas para tal, o que vemos e isso de maneira mais acentuada é que profissionais de outras áreas, com outras formações (direito, as áreas de saúde, tecnologia e etc.) assumem o lugar do profissional de história que passa quatro anos ou mais para se preparar (e ainda não está pronto) para a sala de aula. Esse papel exercido reflete no ensino de história e reflete mais fortemente no envolvimento que ocorre entre o aluno e o gosto pela disciplina.

Não é difícil encontrar pessoas formadas em inglês, português, geografia, matemática, direito ou qualquer outra licenciatura, ou mesmo nenhuma, lecionando história em escolas, há anos. Fator este resultante do velho e errado pensamento de que qualquer um é capaz de ensinar história. E isso pode até ser verdade, no entanto deveríamos perguntar: que tipo de história e a quem você vai ensinar?

¹³ Professora de uma escola pública de Campina Grande, usamos um nome fictício para preservar sua identidade. Esta entrevista foi concedida ao Grupo de Estudo: O livro didático de História da Paraíba: um problema e seus desafios, da Universidade Federal de Campina Grande, que tem como coordenador o professor Fábio Gutember R.B. Sousa em 04 de Abril de 2006.

O uso do livro didático: relatos de experiências em escolas pública e privada de Campina Grande

Nesta parte do texto iremos relatar um pouco da minha experiência como professora das séries iniciais do ensino Médio em duas escolas de Campina Grande como já apresentado. Escolas nas quais leciono e lecionei: Colégio Imaculada Conceição – CIC, na rede privada, e a Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental Raul Córdula, na rede pública. Isso a partir também de questionários aplicados com alunos e professores destas escolas.¹⁴

Para adentrarmos nesse campo, utilizo-me da fala de Circe Bittencourt (1997) quando tece comentário a respeito dos usos do livro didático.

[...] É necessário enfatizar que o livro didático possui vários sujeitos em seu processo de elaboração e passa pela intervenção de professores e alunos que realizam práticas diferentes de leituras e de trabalho escolar. Os usos que professores e alunos fazem do livro didático são variados e podem transformar esse veículo ideológico e fonte de lucro das editoras em instrumento de trabalho mais eficiente e adequado às necessidades de um ensino autônomo. As práticas de leitura do livro didático não são idênticas (...), existem e existiram formas diversas de uso nas quais a atuação do professor é fundamental. (BITTENCOURT, CIRCE, 1997: 73-74)

Sabe-se que há várias desarmonias entre as escolas públicas e privadas e que o professor é testemunha ocular destas, assim como também o aluno, no entanto, o professor talvez sinta mais, devido estar de certa forma no centro desse tumulto que é hoje o ensino. Dizemos isso devido a grande carga de trabalho a que o professor é submetido, por motivos conhecidos por nós professores (o salarial) é necessário que trabalhe em mais de uma escola para poder assim ter uma boa remuneração. Pois só mesmo esse motivo para fazer um professor lecionar em mais de um expediente e escola, afinal sabemos como professores que somos, o quanto esse trabalho exige física e psicologicamente de nós.

Pensando nisso decidimos externar a experiência enquanto docente de história do ensino Médio, para que possamos avaliar, não sei se é bem essa a

¹⁴ Ver os questionários em anexo. Para realização destes foi feita a aplicação de questionário. Onde recolhemos uma pequena amostra da experiência vivenciada por dez alunos do Ensino Médio de ambas as escolas escolhidas. E cinco professores também de cada escola. Dos quais serão analisados algumas das respostas contidas nele.

palavra, como está sendo realizada ou utilizado o livro didático nas primeiras séries do Ensino Médio, ou melhor dizendo, qual ou quais os usos que estão sendo feitos desse material¹⁵ por professores e por alunos.

Iniciemos o relato com o que chamaremos de experiência 1 - a da escola particular, do CIC - Damas, onde seguimos um currículo sugerido pela escola com datas a serem cumpridas e metas a serem alcançadas. Nesta escola o livro didático é adotado tanto pelo professor quanto pelo aluno, fazemos uso deste material, que é escolhido em conjunto com os demais professores do ensino Médio de História e com aval da Coordenação da escola. O material didático escolhido deve servir para ser usado por quatro anos, sendo renovado sempre de quatro em quatro anos, independentemente das mudanças ocorridas nas discussões apresentadas, ou mesmo quando temos uma possibilidade de trabalho diferente. A proposta e o livro didático devem ser consumidos pelos alunos e professores.

Na experiência 2 – escola pública – Raul Córdula – é quase que o oposto da experiência 1, não só por ser uma escola pública com todas as suas defasagens, mas também pela pouca atenção ou interesse dos alunos pelo ensino, outro fator diferente da experiência 1. Na experiência 2, o livro didático não é tido como material obrigatório. Os alunos não têm direito a receber material didático, que é disponibilizado apenas para o Ensino Fundamental, no entanto, um projeto do Governo Federal¹⁶ inicia este ano a distribuição destes materiais didáticos para o Ensino Médio, todavia bem sabemos que existem distâncias entre as iniciativas do Governo e a vivência¹⁷ destas nas escolas públicas. Nesta realidade é apenas o professor que tem o livro em mãos, ficando assim por sua conta o material que irá disponibilizar para os alunos, o que dificulta o processo ensino-aprendizagem, pois muitas vezes ainda temos que usar ou voltar aos moldes tradicionais como copiar no

¹⁵ Sobre esse assunto ver: BITTENCOURT, Circe. "Livro e materiais didáticos de História". IN: BITTENCOURT, Circe. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez. 2004. pp. 295-324.

¹⁶ Projeto esse que se destina a entrega do material didático para o Ensino Médio. No entanto a distribuição do material didático, no ano de 2006, se restringiu aos livros de português e matemática, como afirma a professora Maria das Graça Batista de Almeida, da Escola E. E. F. e M. Raul Córdula.

¹⁷ Muitas vezes as iniciativas realizadas pelo Governo, demoram a se tornar realidade nas escolas públicas. E em relação a escolha do livro didático não é diferente. Podemos até ter o direito de escolher o livro didático, na teoria isso funciona muito bem, no entanto na prática muitas vezes os livros são escolhidos pela escola e não pelo professor, e isso acarreta muitas vezes na não utilização do livro, pois não preenche as expectativas do professor. A questão da escolha é mais uma jogo de cartas marcadas entre os diretores e os representantes das editoras, do que mesmo uma escolha conjunta entre escola (coordenação) e professores.

quadro, o que leva tempo e desgasta tanto alunos quanto professor; utilizar xérox de alguns capítulos, apostilas, lista de exercícios e pesquisa na biblioteca, o que é bastante interessante, pois os alunos podem participar das aulas e ter acesso as informações e não é preciso desperdiçar tempo com cópia de textos em quadro negro.. Diante disso o professor assume o papel de condutor e mediador. "(...) O professor escolhe-o (o material didático), seleciona os capítulos ou partes do capítulo que devem ser lidos e dá orientações aos alunos sobre como devem ser lidos." (BITTENCOURT, CIRCE, 2004:317).

Assim, mesmo quando temos o livro didático para todos os alunos e professores, utilizamo-nos ainda de métodos tradicionais, como o quadro negro e a aula expositiva, pois por mais que se tente inovar, com novas linguagens, os alunos sentem a necessidade de tais procedimentos, ou seja, da aula expositiva.

O professor de história, de escolas públicas e privadas, Carlos Barbosa¹⁸, nos revela que:

(...) eu não trabalho só com o livro que eu adoto, tem o livro base que dá o direcionamento as aulas, mas mesmo quando eu estou trabalhando a aula eu tenho um, dois três livros com o mesmo tema (...) inclusive há uma reclamação às vezes por parte dos alunos: professor o senhor não vai usar o livro, como se só aquele livro fosse suficiente para atender a necessidade do aluno, não eu fujo um pouco dessa regra eu utilizo outros livros como apoio e utilizo outros livros paradidáticos.

Circe Bittencourt (2004) reforça a idéia de que o uso do livro didático por professores pode ser diverso. Sabendo-se que o livro didático é um instrumento, uma ferramenta a ser usada em sala de aula, deve abrir possibilidades de análises, deve abrir janelas a ser investigadas, deve suscitar nos alunos a curiosidade científica e criteriosa. Por que o aluno mesmo sendo jovem é também um agente de transformação histórica. "(...) O livro didático pode ser o único material a que professores e alunos recorrem no cotidiano escolar ou pode ser apenas uma obra de consulta eventual. (...)" (idem). O uso que o professor e o aluno fazem desse material não é o mesmo, até mesmo porque as perspectivas e as respostas encontradas em cada leitura variam de acordo com cada pessoa e objetivos destas. Para os alunos, segundo Circe Bittencourt,

¹⁸ O nome do professor foi alterado pois não temos permissão para colocar seu nome verdadeiro. Essa entrevista foi concedida ao Projeto de Pesquisa: O livro didático de História da Paraíba: um problema e seus desafios, coordenado pelo professor Fábio G. R. B. Sousa, em 13/05/2005

[...] Embora seja considerado como um símbolo poderoso da cultura escolar e um objeto significativo, nem sempre as práticas de leitura e de estudo desse material são consideradas prazerosas. O aluno estuda no livro didático para as avaliações, para cumprir determinada tarefa que o professor ordenou, para fazer uma pesquisa escolar, mas dificilmente recorre a ele para uma leitura livre, para adquirir espontaneamente conhecimentos. [...] (BITTENCOURT, 2004: 318)

O professor sente bastante dificuldade no uso do livro didático na sala de aula, pois mesmo quando fornece as diretrizes que devem ser seguidas para as atividades ou discussões teóricas, os alunos não aceitam, fazendo reclamações do tipo: o texto apresenta uma linguagem alta, o que dificulta a assimilação do conteúdo, impedindo-o de estudar sem a ajuda do professor; para eles também os conteúdos abordados são incompletos, dificultando uma aprendizagem de melhor qualidade, como também chegam até em falar do volume de páginas do livro.

No entanto para alguns alunos o livro didático é um importante material que ajuda nos estudos, e o professor serve como facilitador do conteúdo, trazido pelo livro, realizando anotações (fichamento) no quadro-negro ou através de sinopses digitadas, contrariamente ao que coloca Ubiratan Rocha, quando toca na questão da aprendizagem "(...) Pode-se consultar várias vezes o conteúdo sem a necessidade do professor (...)" (ROCHA, 2001:58). E não é isso que presenciamos em sala de aula, pois muitas vezes os alunos entendem mais e melhor quando o professor explica o conteúdo do que só com a leitura.

O livro não pretende substituir o professor, até porque este é resultado de muitos anos de atividades pedagógicas de seus autores. O livro didático deve procurar auxiliar o professor oferecendo uma visão de história que tenta incorporar a historiografia recente e ao propor uma série de atividades diversificadas superem a monotonia e a simplificação de perguntas e respostas que se reduzam a mera transposição de trechos do próprio livro.

Ver-se assim que as exigências de alunos da rede privada são diferentes, por que na rede pública, o que vemos são reclamações inversas, já que estes alunos reivindicam a posse e o uso do livro didático, descartando apostilas, textos mimeografados e fichamento no quadro negro, uma vez que não possuem o livro didático, já os alunos da rede privada não fazem essas reivindicações devido já

possuírem estes materiais, daí as cobranças serem outras pois estes materiais já são utilizados pelos professores.

Assim partindo dessa e de tantas outras assertivas sobre o uso ou a importância que o livro didático desempenha no ensino de História, cabe aqui citarmos mais uma vez Claudia Wasserman (2000), quando nos fala da postura que um bom profissional deve ter diante desse seu amigo de trabalho - o livro didático.

O profissional responsável não está em busca de um livro didático padrão, ideal, mas é capaz de manter atualizado e vivo o conhecimento da trajetória da disciplina e os debates que concederam à História o estatuto de ciência da sociedade. (WASSERMAN, CLAUDIA, 2000:255).

Acredito que o que importa para se dar uma boa aula e se fazer um bom uso do livro didático, não é ter um bom material em mãos, mas sim um bom domínio teórico, uma metodologia adequada ao mundo do aluno, a interação dos alunos, uma história mais próxima de suas vivências, entre outros fatores, pois assim saberá conduzir melhor as discussões ou questões surgidas no decorrer das aulas.

Desse modo vejamos através das falas de alguns alunos das escolas pesquisadas (CIC – Damas e Raul Córdula) qual a sua percepção, o que eles e elas acham do uso do livro didático.

Quando questionados sobre a importância do livro didático no ensino de história, alguns alunos da rede privada nos dão as seguintes respostas:

É muito importante porque é no livro que está o conteúdo (Bianca L. Barbosa de Melo, 15 anos).

O nosso livro didático muitas vezes não nos é útil, pois não apresenta os fatos históricos por completo; sendo necessário às vezes eu pesquisar o assunto em estudo na internet ou em outros livros. (Bárbara)

O livro didático é importante por manter a seqüência linear dos estudos. Estudá-lo, e a ele só, é limitante, é tolhedor. (Igor Carvalho Barbosa, 16 anos).

O livro é importante como auxílio do que é dado em sala pelo professor, um complemento.
(Mariana Davi Ferreira, 14 anos).

A importância é ter uma base para estudar, porém não podendo se limitar a ele (Maria Clara Primo Passos, 16 anos)

É uma ferramenta que possibilita o entendimento dos fatos históricos.
(Rayanne de Gueiroz Guimarães, 14 anos).

Diante dessas falas, opiniões dos alunos sobre o livro didático, podemos perceber que para esses o livro é usado como um complemento, serve para manter a seqüência linear dos estudos, local de informação, fonte a mais de informação no qual pode aprofundar seus conhecimentos, sendo assim podemos considerá-lo um material indispensável para o aprendizado, isto com base nesses depoimentos, já que de uma maneira ou de outra o livro tem a sua utilidade.

No entanto é preciso que se saiba que mesmo diante desta pequena amostragem com a opinião dos alunos sobre o livro didático, não podemos tomar estas respostas como sentimento comum a todos, já que sabemos que a sala de aula é um universo de pensamentos e opiniões diferentes. Devemos ter o cuidado em não transformar estas análises em julgamentos arbitrários e autoritários. E parafraseando Maria Auxiliadora Schimidt, os alunos também sentem dificuldades, já que para alguns deles, os livros e materiais didáticos, na sua maioria são desinteressantes. E eles lutam por decifrar e entendê-los. Por isso, ainda se escuta repercutir suas queixas, revoltas, apatias, e embates.

Contudo as respostas concedidas nos direcionam para este lado, o de que os alunos gostam do livro.

Sem dúvida o livro didático tem que ser acessível aos alunos e deve ajudar o trabalho cotidiano dos professores. O livro deve atrair a atenção, deve despertar o interesse, deve provocar reflexões; deve trazer conteúdos e assuntos que sejam relacionáveis a diversidade social dos alunos; e deve ser aperfeiçoado a partir das críticas, sugestões e observações feitas por aqueles que lidam com ele no dia a dia, ou seja, alunos e professores.

Para os alunos da rede pública fizemos a pergunta sobre a importância do livro didático nas aulas de história e obtivemos as seguintes respostas:

O livro didático de História tem toda importância pois ultimamente nas aulas gerais, a professora usa o livro como fonte de pesquisa.
(Arthur Brasileiro, 15 anos).

O livro é a base do estudo, com ele nós nos informamos. (Jéssica Camilla, 14 anos).

Tem a importância de um complemento numa explicação melhor na sala de aula. (Marcilene de Oliveira Ramos, 18 anos, escola pública)

Envolver com mais facilidade o entrosamento dos alunos com a importância da História. (Marcela Almeida Silva, 22 anos, escola pública)

Nessas opiniões encontramos convergências entre Arthur Brasileiro e Jéssica Camila, já que ela acredita que o livro didático é a “base dos estudos”, e para ele fonte de pesquisa, o que nos deixa entender que para ambos o livro didático é um objeto que traz bastante informações. Neste caso estes alunos utilizam o livro didático como uma enciclopédia, onde fazemos pesquisas e buscamos informações. No entanto ainda sobre a fala de Jéssica Camila podemos observar que para ela o livro didático é a “base do estudo”, nesse sentido o professor seria necessário para a aprendizagem, o que nos levaria a pensar que o livro por si só basta para que se aprenda nesse caso história.

Já em relação aos professores (de ambas as escolas) quando questionados sobre o papel do livro didático nas séries iniciais, eles nos dizem que:

É um elemento facilitador e ao mesmo tempo responsável por gerar a compreensão do passado e sua associação com o presente (Jailton, 42 anos, escola particular).

Muito importante, cria no aluno o hábito de leitura, (comum as séries anteriores) mas, que agora lhes trás mais informações, uma vez que o livro é mais completo (Fátima Agra, escola pública)

Preparar ao individuo não apenas para os processos vestibulares, mas também para uma consciência cidadã (...). (Ednaldo Araújo de Melo Júnior, 26 anos, escola pública)

É de grande importância e facilita muito para que as aulas sejam mais dinâmicas e participativas (Maria das Graças Batista, 51 anos, escola pública)

Percebemos, como se era de esperar, que algumas respostas dos alunos são reflexos do ensino de seus professores, já que para Fátima Agra o livro didático serve como complemento de informações entre o que é debatido em sala e a leitura que se faz deste. No entanto nem todos concordam, para Jailton, por exemplo, o livro é “um facilitador”, onde o aluno pode buscar informações e nelas fazer a relação passado-presente, o que bem sabemos não é tão simples assim, pois muitos alunos necessitam da intervenção do professor para arrumar, organizar as informações do livro e relacioná-las com o que escutou ou ouviu em sala de aula.

Ednaldo Júnior nos fornece uma outra visão sobre o livro didático; para ele, o livro não deve ser usado apenas para preparar o aluno para o vestibular, mas

também para formar neste uma consciência cidadã, e isto pode até ser possível no seu caso, já que faz parte dos professores da escola pública, onde não há tanta cobrança com o currículo, ficando a cargo do professor as escolhas dos conteúdos e assuntos que serão abordados em sala.

Dessa forma vemos que os usos feitos tanto pelos professores da rede privada como pelos alunos e professores da rede pública, não seguem necessariamente o mesmo padrão e nem tão pouco são tão divergentes. O que se pode perceber é que muitas vezes o professor da rede pública tem mais liberdade no uso do livro, e isso talvez acontece em detrimento deste não possuí-lo, o que nos faz pensar que o uso se dá de acordo com a realidade de cada um, enquanto para uns ele é um complemento, para outros é um meio facilitador, promovendo a associação entre passado e o presente.

Enfim, sabemos que os usos feitos pelos professores e alunos dos livros didáticos não são tão diferentes nas duas experiências, como podemos perceber através das falas destes e também por vivenciarmos posturas diferentes, quando temos o livro e usamos exclusivamente, há uma resistência por parte dos alunos, afirmando que o professor apenas domina o conteúdo trazido no livro didático, de certa forma existem alguns profissionais que utilizam o "livro como muleta", ou seja, seguem fielmente o conteúdo, reproduzindo a fala do autor. E outros que se sentem obrigados diante da "pressão" feita pela coordenação a trabalhar exclusivamente com o livro. Contudo alguns professores se utilizam de vários livros didáticos, não se prendendo apenas aquele escolhido pela escola, usam também os paradidáticos, já que tem essa possibilidade de trabalho. Porém, quando não se tem o livro didático, corre-se o risco do aluno afirmar que o professor está distante dos conteúdos trazidos pelo livro didático, já que os alunos não o possuem daí não poderem acompanhar o raciocínio do professor, o que faz com que entendam ou vejam as aulas de história como simples relato do passado, através da decoreba de datas, fatos e nomes.

O que diferencia o uso ou não do livro didático é a liberdade que você tem para escolher e trabalhar com um determinado material, enquanto na escola particular você tem a influência da equipe pedagógica para a escolha de um determinado material a ser trabalhado durante um certo período de dois a quatro anos; na rede pública não há influência na escolha dos materiais, pois o livro

didático ainda não é consumido pelos alunos do Ensino Médio. Ficando a escolha do material a ser trabalhado a critério do profissional, o que reflete no desempenho do aluno e da própria aula de história.

É partindo dessa discussão sobre os usos do livro didático que construiremos o último capítulo, neste ampliando e aprofundando a discussão do Ensino de História e seus problemas nas séries iniciais do ensino Médio.

CAPÍTULO III

*ENSINO DE HISTÓRIA NA
VISÃO DE PROFESSORES E
ALUNOS DA PRIMEIRA
SÉRIE DO ENSINO MÉDIO*

Para elaboração deste capítulo, utilizamos como material os questionários aplicados com alunos e professores das escolas CIC-Damas e Raul Córdoba¹⁹; é uma pequena amostra das opiniões de alunos e professores, enfocando as suas indagações sobre o ensino de história, através de suas sugestões e preocupações; também utilizamos entrevistas de professores de escolas públicas e privadas de Campina Grande, realizadas pelo Projeto de Pesquisa: “O livro didático de História da Paraíba: um problema e seus desafios”, da Universidade Federal de Campina Grande, que tem como coordenador o professor Fábio Gutember R.B. Sousa.

Enfatizo problemas enfrentados por professores e alunos, como também suas inquietações, apresentando pontos positivos ou negativos acerca do ensino de história no nosso cotidiano.

As indagações levantadas em sala de aula pelos alunos, como: Para que serve a História? O que o ensino de História vai contribuir em minha vida profissional? Por que o ensino de história não passa de pura decoreba de fatos e datas? Além de outras serão o norte deste capítulo.

Pensando nos questionamentos realizados pelos professores e alunos a respeito do ensino de história no Ensino Médio e nas minhas próprias inquietações, procurei através de outras experiências entender o porquê dessa situação e foi em textos como os de Marcos Silva, Uyaguaciara Castelo Branco e Joana Neves que encontrei algumas das respostas que nos angustiam enquanto professores de história, profissionais preocupados com os rumos que estão tomando o Ensino de História.

É Uyaguaciara Castelo Branco quem nos incita a pensar com o texto: “A difícil Arte de Ensinar e Fazer história”.

Partindo dessa frase ou mesmo título do texto, nos deteremos na sua primeira parte, que diz: *A difícil arte de Ensinar*, pois bem sabemos que chegar à sala-de-aula e “passar” o conteúdo, é fácil, o difícil é a *arte de ensinar*, envolver, fazer com que o aluno consiga se fazer ou se sentir parte da história, a esse aspecto eu denominaria: Fazer História, pois estaríamos fazendo os alunos perceberem que eles também são sujeitos que constroem ao mesmo tempo que estudam a História.

¹⁹ Ver anexo

Quando perguntamos aos alunos o que eles acham das aulas de história, obtivemos as seguintes respostas:

As aulas de história são muito monótonas, já que não são utilizados outros meios mais dinâmicos para a melhor aprendizagem dos alunos. (Bárbara, escola particular)

Eu acho que as aulas de história, por um lado são cansativas, mas também são muito importantes para sabermos a origem de muitas coisas (...) Bianca B. de Melo, 15 anos, escola particular)

...enfadonhas e levam o aluno à distração através de conversas. O conteúdo geralmente é extenso... (Caio Ricardo G. C. de Vasconcelos, 14 anos, escola particular)

Interessantes. Algumas vezes não podemos negar que se tomam monótonas, mas são necessárias (Mariana Davi Ferreira, 14 anos, escola particular)

Na minha opinião, as aulas de história poderiam ser mais participativas, não só fazendo a leitura do livro, mas alguma outra coisa que envolvesse toda a sala. (Rayane de Queiroz Guimarães, 14 anos, escola particular)

Em se falando do aluno da rede privada que tem como já discutimos no capítulo anterior, toda uma estrutura escolar que fornece subsídios para que o professor desenvolva o que costumamos chamar de boa aula, com utilização de outros recursos que não somente o livro didático, a saber: filmes, livros paradidáticos, viagens, vídeos, assim como também se utilizam do quadro branco e lápis piloto. Isso de acordo com as respostas dos alunos ao questionário (vide acima). Isso é inegável, pois o ensino de história hoje requer materiais didáticos que ajudem no desempenho do ensino-aprendizagem, numa linguagem mais próxima do aluno e das mídias com as quais eles convivem, como discute Circe Bittencourt em seu texto "Livro e materiais didáticos de história".²⁰ De acordo com a autora,

(...) os materiais didáticos são mediadores do processo de aquisição de conhecimento, bem como facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica da área de cada disciplina – no nosso caso, da História. (BITTENCOURT, CIRCE, 2004: 296)

Sendo que estes materiais didáticos não se resumem apenas ao livro didático, de acordo com Circe Bittencourt (2004), uma pesquisa francesa indica diferenças entre os *suportes informativos* que "... correspondem a todo discurso

²⁰ Ver: BITTENCOURT, Circe. Livros e materiais didáticos de história. In: Ensino de História fundamentos e Métodos. 2004. pp. 295 - 324.

produzido com intenção de comunicar elementos do saber das disciplinas escolares” (IDEM); e os documentos, que diferentemente dos suportes informativos,“ foram produzidos inicialmente sem intenção didática, almejando atingir um público mais amplo e diferenciado (...) não são necessariamente produzidos pela indústria cultural e podem ser selecionados de diferentes formas, de acordo com a opção de trabalho dos professores ou dos projetos pedagógicos da escola” (IDEM, 297).

Vejamos agora as respostas dos alunos da rede pública, sobre o que acham das aulas de história.

Abusadas, sem proveito para o aluno (Arthur Brasileiro, 15 anos escola pública).

As aulas de história são bem interessantes (quando [os outros alunos] deixam você assistir), são aulas de informação sobre o passado. (Jéssica Camila, 14 anos, escola pública).

Admiro muito o estudo do nosso passado. E a história nos ajuda muito. (Marcela Almeida Silva, 22 anos, escola pública).

Na rede pública, encontramos alunos que gostam das aulas de história, acham que a matéria é interessante, e outros que não concordam. No entanto um fator que seria positivo elencar refere-se a maneira como o professor desperta no aluno o gosto pelo estudo da disciplina, o interesse. E isso o professor consegue usando poucos recursos, como a fala, o quadro-negro e o giz, como nós sabemos tanto por experiência própria como por relatos de colegas. Podemos verificar que algumas respostas dos alunos da rede privada se aproximam com as da escola pública. O que acredito fazer a diferença entre o ensino-aprendizagem é o gosto pelas aulas, é o interesse que motiva cada aluno em particular.

Apesar de apenas um alguns dos alunos responder que as aulas são abusadas e sem proveito, gostaríamos de tecer um comentário, com base em Fernando Seffener, quando nos diz que a

(...) A relação que os alunos tem com esses conhecimentos da aula de história é de tédio, expresso em frases que todos conhecemos: 'a história é uma disciplina chata, tem muita coisa para decorar, mas felizmente não é difícil, ninguém roda em história na escola, só se já estiver rodado em outras matérias' essa é uma relação com o conhecimento do tipo descartável, não se constitui em experiência', posto que não se resolve na formação ou na transformação daquilo que somos' (SEFFENER, FERNANDO, 2000: 270).

No entanto não foram só esses critérios que alguns dos alunos usaram para responder o questionário. Para nossa surpresa, o ensino de história para alguns deles, é gratificante, prazeroso e enriquecedor. E isso nos faz perceber que apesar de toda esse histórico de matéria decoreba, que a história carrega ao longo dos anos, alguns professores têm feito com que seus alunos percebam a história de outra maneira, com bom olhos, como deveria ser vista: uma ciência que muito nos auxilia a compreender quem somos e como vivemos.

E os professores, o que eles têm a nos dizer sobre a sua prática docente em sala de aula? Vejamos:

O principal intuito do docente em nível geral deve ser o de atuar enquanto um agente facilitador do processo de tomada do conhecimento por parte do discente, portanto, temos buscado nos comportar segundo este pensamento (Ednaldo Araújo de melo Júnior, 26 anos, escola pública).

Em outros tempos o professor desempenhava melhor seu papel de educador, o aluno tinha mais interesse, buscava mais conhecimentos. Hoje observamos o aluno mais preocupado com nota, não se importa com os meios como conseguir! (Fátima Agra, escola pública)

Difícil. Explica-se pelo fato da falta de leitura dos alunos já que a leitura é primordial para o entendimento e análise da disciplina. (Jailton, 42 anos, escola particular)

Maravilhosa. Procuro sempre atingir a praxi (teoria+prática) através de vídeos, visitas a museus, viagens interdisciplaneres, entrevistas... (Maria da Graça Batista, 51 anos, escola pública)

Assim, do prisma dos professores podemos apreender como percebem a sua prática na sala de aula. Enquanto Ednaldo Araújo vê o professor como um agente facilitador do conhecimento, Fátima Agra nos diz que percebe mudanças entre os alunos das gerações passadas e dessa, explicando isto pelo desinteresse pelo conhecimento e pela busca apenas de notas, o que se vê ou percebe de maneira mais acentuada nas escolas da rede pública, como a que ela trabalha, já que muitos dos alunos freqüentam a escola apenas no intuito de conseguir concluir o ensino Médio e ter o seu certificado de conclusão e assim, com esse passaporte, ou tenta um vestibular ou mesmo um emprego, e só. Para Jailton, tem se tornado difícil o ensino de história devido à resistência dos alunos à leitura, para ele esse é o fator primordial para que não haja uma boa interação aluno-conteúdo, pois bem sabemos que a base de se estudar história é a leitura e não podemos fugir disso. Dessa

maneira vemos que não é somente o aluno que sente dificuldades nas disciplinas, os professores também têm as suas, e assim como os alunos remetem ou apontam como “culpados” os professores, estes fazem o mesmo jogo, uma vez que o processo de aprendizagem se dá justamente através do professor e do aluno, o que nos impossibilita de falar de ensino sem fazer referência a participação dessas duas personagens. Para que haja um bom professor é preciso que se tenha além de todo aparato, um bom aluno e vice-versa, como discute Maria Auxiliadora Schimidt em seu texto “A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula”. Pois segundo a autora

É no espaço da sala de aula que professores e alunos de História travam um embate, em que o professor, novidadeiro do passado e da memória, sente-se com a possibilidade de guiar e dominar em nome do conhecimento. Mas, ao mesmo tempo, ele sente como um igual e completamente aberto aos problemas e projetos dos seus alunos. (SCHIMITD, AUXILIADORA, 1997: 56)

Posto que a relação professor aluno é o que muitas vezes indica como será o desenrolar da aula, já que é no espaço da sala de aula que veremos “ (...) os dilaceramentos da profissão de professor e os embates da relação pedagógica” (IDEM,57)

A partir dessas questões e dessas respostas nos cabe ainda colocar outras questões em discussão, para os alunos, assim como também para os professores: o que se espera do ensino de história? e o que gostaria que tivesse nas aulas de história? Assim como também tecer comentários a partir de suas respostas, a respeito das dificuldades ou não sentidas por estes no Ensino de História.

Para tal vejamos as respostas que nos foram dadas pelos alunos de ambas as escolas, quando questionados sobre o que eles esperam do Ensino de história:

Nada (...) (Arthur Brasileiro, 15 anos, escola pública)

Eu espero que o estudo da história continue, para podermos aprender coisas que ainda não foram descobertas, e também que as gerações futuras saibam o que aconteceu no nosso tempo. (Bianca L. Barbosa de Melo, 15 anos escola particular).

Muito mais do que tenho absorvido em sala, conviver com alunos que não acompanham o nível desejado por mim é frustrante (...) (Igor Carvalho Barbosa, 16 anos, escola particular);

Que cada dia se aprimore mais, para que essa matéria tão importante se torne prazerosa. E que as pessoas se interessem mais pelo conhecimento do nosso passado. (Mariana Davi Ferreira, 14 anos, escola particular)

Eu espero que venha a ser mais dinâmica e menos decorativa e cansativa. (Bárbara, escola particular)

Espero que obtenha o conhecimento necessário para que seja aprovada nas provas como vestibulares e concursos. (Maria Clara Primo Passos, 16 anos escola particular)

Analisando de maneira geral as respostas, percebemos que os alunos esperam ou desejam mudanças para ensino de História, e que deixe de ser lacunar, insuficiente, superficial, e outros não esperam nada do ensino, ou mesmo buscam um maior aprofundamento daquilo que se estuda em sala. O que nos faz perceber as ambigüidades, as divergências de expectativas que nós professores temos que tentar suprir na nossa disciplina.

Assim tomando como base essas respostas cabe a nós repensar o ensino, não só o ensino Médio, mas o ensino Básico como um todo, que dê suporte ao profissional de história trabalhar, isso através de melhoramentos no âmbito do conhecimento pedagógico, teórico, salarial e também com escolas bem estruturadas e aparelhadas (boas salas, bibliotecas, informática, aparatos tecnológicos como um todo). Certamente contribuiria bastante para um maior desempenho para o ensino-aprendizagem; não é que com todas essas mudanças iríamos abarcar todos e fazê-los tomar gosto pelo estudo da história, mas possivelmente haveria menos reclamações, repúdio e desdém para com a disciplina²¹. E isso acontece muitas vezes por haver uma distância enorme entre a teoria que aprendemos na universidade e a prática que vivenciamos, segundo a professora da rede pública Carla Rodrigues²²:

(...) o conhecimento que a universidade dar em relação a essa disciplina, é um conhecimento extremamente acadêmico e difícil. Por que você estuda, mas na prática aquilo (que você estudou) não existe, aquilo não tem. As coisas estão começando a mudar agora, principalmente em história, mas ainda vai levar muito tempo... Na universidade você ver aquela história, na minha época é quadro e giz, como é que tem que se comportar (...) Você tem que levar material didático, você tem que fazer cartaz, isso, aquilo outro. Não leva em conta que tem que ter tempo para fazer isso, você tem custo porque tudo sai do teu bolso (...)

²¹ Sobre o assunto ver: NEVES, Joana. O ofício do historiador: entre as fontes, a narrativa e o quadro de giz. pp. 17 -28.2004.

²² O nome da professora é fictício, pois não temos autorização para usá-lo.

Sabemos que ensinar algo a alguém não é fácil e nem tão pouco acontece da noite para o dia, é preciso meios para fazer os alunos sentirem a necessidade de se aprender história, e saber que ela é uma disciplina que informa muito mais do que só datas, nomes e heróis, que nos fornece subsídios para entender como estamos hoje e porque. Segundo Ubiratan Rocha (2001) "(...) o ensino de história, pensamos, deve levar ao refinamento do pensamento (...) a função de repassador de informações, que muitos professores ainda entendem (...) será atropelada pelas novas tecnologias." (ROCHA, UBIRATAN, 2001:57).

Um forte incentivo que tenho percebido aconteceu a pouco, no ano de 2005, com as mudanças ocorridas na prova do vestibular da UFCG, como já comentei no capítulo 1. São mudanças como esta na leitura de como se deve ou o que se espera do ensino de história, que nos ajudam a fazer o aluno entender que a história está em tudo o que fazemos, desde as músicas, pinturas, fotografias, peças de teatro, literatura entre outras.

Agora de maneira mais detalhada, analisemos as respostas de cada aluno individualmente. De acordo com a resposta de Arthur Brasileiro, ele não espera nada do Ensino de história, ou melhor, espera só que haja uma diminuição na carga de conteúdos, pois acredita que muito conteúdo acarreta um mau aproveitamento na hora da prova; Bianca de Melo espera que a história enquanto ciência continue a desenvolver seus estudos, pois acredita ser importante as descobertas feitas e também por ser uma maneira de registrar o que vivenciamos hoje para que as gerações futuras conheçam como vivíamos; Danilo Brunet, talvez concorde com Arthur sobre a quantidade de conteúdo que é ensinado, pois ele espera que possa haver um maior aprofundamento nos conteúdos, o que significa dizer que acha as abordagens superficiais e isso muitas vezes acontece devido realmente ao grande número de assuntos colocado como objetivo a ser alcançado em determinados tempo, isso ocorre com mais freqüência nas escolas particulares, onde há uma maior cobrança. Igor Carvalho também nos fala de suas expectativas a respeito do Ensino de história. Ele espera absorver muito mais conhecimento do que só aquele apresentado em sala, assim como também se relacionar em sala com colegas que tenham a mesma opinião e desejo que ele tem em estudar história. Esse também é um desejo de todo e qualquer professor, entrar ou estar numa sala de aula onde a

grande maioria dos alunos se interessa pelas discussões trazidas pelo professor. Jéssica Camila espera que haja um novo conhecimento do nosso passado e de outras nações, no entanto, acredito que gostaria que houvesse uma discussão mais aberta sobre o nosso passado e não apenas as informações que são trazidas pelos livros didáticos, que acabam delimitando o que trabalhamos e como trabalhamos em sala; acabam por escolher por nós os assuntos e muitas vezes a abordagem que é dada em sala de aula. Já Mariana Ferreiro espera um aprimoramento da história e deseja que o ensino se torne prazeroso, como nos indica Marcos Silva, no seu livro *História: prazer, ensino e pesquisa*. E isso é reflexo das aulas que são desenvolvidas em nosso cotidiano, da realidade que ela vivencia. Rayne Guimarães espera que através do estudo da história, ela possa entender os acontecimentos passados e dessa forma entender como estamos hoje e como ficaremos. O que demonstra que ela tem forte influência das leituras de Gilberto Cotrim. A história serve sim para entendermos os acontecimentos passados e refletir sobre como estamos hoje, no presente, mas não é vidente, não traça mapas de como será o futuro, ela é a ciência do presente, que estuda fatos do passado.

Desse modo diante dessas respostas sobre o que se espera ao estudar a história, podemos perceber que no conjunto todas elas estão intrinsecamente voltadas para o ensino-aprendizagem, relacionada com a metodologia do ensino. Por aprendizagem entende-se um conjunto de modificações relativamente permanentes na disposição ou na capacidade do homem, ocorrido como resultado de uma atividade e que não pode ser simplesmente atribuído ao processo de crescimento e maturação. Aprender é uma atividade que está presente no aluno e que é realizada pelo mesmo, pois ninguém pode aprender por outro. Portanto, o professor jamais poderá obrigar o aluno a aprender.

Dessa forma temos, como professores, que trabalhar as “novas linguagens” em sala de aula, devido ao contexto em que estamos inseridos, o momento em que vivemos, pois muitos dos alunos têm acesso à televisão, vídeo, as imagens como um todo e à tecnologia. Diante disso, esse passa a ser mais um desafio que deve ser vencido pelos profissionais de história, na tentativa de superar o uso exclusivo das fontes escritas no ensino de história. Essa inclusão das “novas linguagens” se deve, segundo Joana Neves, sobretudo ao avanço tecnológico

"[...] dos modernos meios e formas de comunicação, notadamente os ligados à produção de imagens, registros orais de filmes e vídeos, tem sido responsável por muitos e novos desafios colocados no ensino de história, tradicional e convencionalmente marcado pelo uso predominante, quase exclusivo, de fontes escritas. [...]" (NEVES, JOANA, 2000:112)

Daí cairmos na velha questão que é constantemente posta em sala de aula pelos alunos: para que serve a história? Para responder a esta questão recorreremos ao texto *O prazer da História*, de Marcos Silva²³, onde com base no livro de Marc Bloch, *A apologia da História* ele nos diz: "(...) a história serve para distrair e divertir, seduz, 'tem prazeres estéticos que lhe são próprios'. (SILVA, MARCOS: 1995: 11).
E

Quando se fala em história como distração, diversão, sedução e prazer, não se está necessariamente, renunciando à sua carga crítica, à capacidade que possui de aprofundar a (auto)compreensão dos homens(...) (idem, p.12).

A história pode ser ensinada de maneira prazerosa, mas com conteúdo e não ficar só no vazio do prazer, existe também o prazer em aprender e apreender as discussões, teorias, informações que são trabalhadas em sala de aula. A experiência do prazer em história não deve ficar reduzida às pequenas intervenções, inovações como exposição de objetos de diferentes épocas e documentários.

Foi feito no questionário uma pergunta sobre o que o aluno gostaria que tivesse nas aulas de história, entre inovações tecnológicas e outras "novas" linguagens, obtivemos respostas diversas como

Nada disso (filmes, músicas, palestras, jograis...) só que as aulas fossem mais divertidas e fizessem o aluno sentir o conhecimento (Arthur Brasileiro, 15 anos, escola pública)

Eu acho que o aluno tem mais facilidade no aprendizado quando o assunto mexe com o emocional, ou seja, quando o aluno entra na história e consegue imaginar tudo que aconteceu, para isso é indispensável os filmes e também as músicas (Bianca de Melo, 15 anos, escola particular)

Seleção. Alunos que demonstram maior interesse e/ou facilidade merecem atenção especial, e não os irresponsáveis. Desenvolvamos a elite! Esqueçamos os desinteressados! Eles escolheram o próprio caminho. (Igor Barbosa, 16 anos, escola particular)

Filmes, músicas que abordassem o assunto estudado. (Jéssica Camilla, 14 anos, escola pública)

²³ SILVA, Marcos A. História. O prazer em ensino e pesquisa. 1995. pp.11-21.

A minha aula de história é completa, se tivesse a colaboração dos alunos seria de mais proveito. A professora nos envolve de todas as maneiras trazendo o passado para o presente nos ensinando do jeito mais simples possível (Marcela Almeida Silva, 22 anos escola pública)

Filmes, pois seria uma aula diferente. (Marcilene de Oliveira Ramos, 18 anos, escola pública)

Seria interessante a implantação de novas técnicas para chamar a atenção dos estudantes. Filmes para a discussão do assunto estudado, visitas a lugares históricos, mas que isso ocorra com frequência nas escolas e não só uma vez no ano. (Mariana Ferreiro, 14 anos, escola particular).

Gostaria que tivesse alguns filmes e mais atividades que envolvessem todo o grupo, além de algumas provas em dupla. (Rayanne Guimarães, 14 anos, escola particular).

Entre tantas possibilidades de inovação para o ensino de história vemos que os alunos Arthur Brasileiro, 15 anos, escola pública, e Bianca de Melo, 15 anos, escola particular, nos dizem que as aulas de história deveriam tocar mais no emocional, envolver pelo sentimento, fazendo o aluno “sentir o conhecimento”. Jéssica Camilla, 14 anos, escola pública, Mariana Ferreiro, 14 anos, escola particular, Rayanne Guimarães, 14 anos, escola particular, mesmo estudando em escolas diferentes, nos dizem que nas aulas de história deveriam ser usadas, entre outras coisas, filmes, músicas, para abordar os assuntos estudados, além de viagens a lugares históricos e atividades em grupo, para envolver toda a sala de aula. Danilo Brunet, 16 anos, escola particular, nos permite uma outra informação sobre o que gostaria que tivesse nas aulas de história. De acordo com ele o livro didático e uma aula bem explicada não precisa de mais nenhum tipo de inovação ou nova linguagem para que se possa participar de uma aula prazerosa. Já Igor Barbosa, 16 anos, escola particular, tem uma opinião diferente e um pouco autoritária, para ele deveria haver uma seleção, para que estudassem juntos apenas os alunos que têm interesse pela disciplina, quem não tem deve procurar um outro caminho, uma outra tarefa, pois só assim não vai atrapalhar quem está querendo estudar.

Sobre essa questão de inovação e da tradição no ensino de história, Ubiratan Rocha (2001) nos diz que

(...) Tanto na rede pública quanto na rede privada de ensino de 1 e 2º graus (hoje ensino fundamental e médio respectivamente), observa-se a predominância de atitudes conservadoras em relação à história e ao seu ensino. **Pela insistência na repetição dos mesmos conteúdos e formas de transmiti-los se produziu um modelo escolar de história difícil de ser superado.** Inovações produzidas no conhecimento histórico que poderia contribuir para oxigenar a prática docente encontram uma barreira constituída, justamente, por esse modelo, tradicionalmente aceito como sendo 'a História'. (ROCHA, UBIRATAN,2001:48) (grifo nosso)

Percebemos isso tanto nas respostas dos alunos quanto dos próprios professores, estes até tentam inovar de alguma forma, no entanto existem conflitos entre o querer e o poder para que tais mudanças ou inovações ocorram na prática, na sala de aula e na maneira de conduzir o ensino de história.

Às respostas dadas pelos alunos sobre o que gostariam que o professor usasse para dar aula nos fazem refletir sobre como anda o ensino e como os alunos gostariam que estivesse sendo. Porém quando os professores foram questionados sobre a maneira que dão aula ou trabalham, a história em sala, podemos perceber que eles não utilizam muito do que os alunos gostariam. Podemos constatar tal afirmativa através das próprias palavras dos professores.

(Como você trabalha a história em sala de aula?) Numa perspectiva de interação e mais, de provocar o indivíduo a sentir-se um agente direto na construção de uma nova mentalidade sociológica, fazendo com que compreenda que é um ente importante no processo de construção da identidade histórica do meio no qual se encontra inserido (Ednaldo Araújo, 26 anos, escola pública)

Com aulas expositivas, uso de filmes, pesquisas em grupo, seminários, etc. Na escola pública a dificuldade em trabalhar é maior, devido as condições materiais. (Fátima Agra, escola pública)

De forma integrada, a história universal, e do Brasil relacionando com a contemporaneidade. (Jailton, 42 anos, escola particular)

Como é rede estadual peço que os alunos tirem xérox e cada bimestre utilizamos autores diferentes. Ex.: Gilberto Cotrim, Jobsom, Myriam Fcº Teixeira... (Maria das Graças Batista, 51 anos, escola pública)

O trabalho que o professor desenvolve em sala de aula, muitas vezes fica limitado a fazer a interação das divisões a que a história foi condicionada, como podemos perceber nos depoimentos de Ednaldo Araújo e Jailton. Já a professora Fátima Agra parece que utiliza outros meios para trabalhar a história, como por exemplo, filmes, seminários, pesquisas, mesmo com as dificuldades encontradas na escola pública como ela mesma elenca, diferente da realidade da escola particular

na qual Jailton trabalha, no entanto, ele não faz menção ou não deixa transparecer fazer uso de nenhum aparato tecnológico; pela sua resposta, supõe-se que se utilize apenas do conhecimento do professor e do livro para o ensino de história. A professora Maria das Graças sugere um outro recurso que é a utilização da xerox, podendo assim fazer uso de diferentes autores, o que enriquece as discussões em sala.

Dessa maneira vemos que existem realidades e possibilidades diferentes de ensino e mesmo quando pensamos que é na escola particular que se faz uso das novas linguagem, as respostas dos professores nos permitem uma outra leitura, como podemos perceber nas respostas de Jailton (rede particular) e Fátima Agra (rede pública).

Para o professor Carlos Barbosa, depende do profissional, do seu desempenho no trabalho, mudar essa relação que os alunos têm com a história.

...Por que tem muito aluno que reclama que o professor só utiliza a voz, o quadro e o giz, eu acho que os professores também têm que começar a mudar, tem que começar a criar novos métodos de trabalhar, novas metodologias para que as aulas não fiquem chatas, não dar muitos sono nos alunos. Então a gente tem que traçar alguns mecanismos, o debate, seminário, filmes enfim, tem que procurar fazer isso...

Ainda sobre o ensino questionamos os alunos a responderem se sentiam dificuldades no ensino de história e por quê? Já que o índice de rejeição nas séries iniciais é tão alarmante, gostaríamos de saber se acontecia devido a alguma dificuldade em especial. A partir das respostas fornecidas teremos uma pequena noção e talvez uma possível resposta para tal questão, vejamos o que estes alunos têm a nos dizer.

Sim, pois na minha opinião a professora não tem capacidade de transmitir o conhecimento para o aluno (Arthur Brasileiro, 15 anos, escola pública)

Sim, sinto dificuldade em compreender e "decorar" o que vêm a ser mostrado na disciplina... (Bárbara, escola particular)

Sim. Por que é uma matéria que valoriza muito os detalhes. (Bianca de Melo, 15 anos, escola particular)

Não é que eu sinta dificuldades, mas esta disciplina sempre nos leva a decorar e a decodificar quando são cobrados minuciosidades. Outros assuntos não, acabam tomando-se prazerosos. (Cidcley Nascimento Cabral, 15 anos, rede particular)

Às vezes quando não presto atenção por que a história é uma matéria que requer muita atenção. (Felipe Maycon da Silva Brito, 15 anos, escola pública)

Não, com o ensino prático e a vontade de aprender tudo se torna mais fácil. (Marcela Almeida Silva, 22 anos escola pública)

Sim. Por que o conteúdo sendo acumulativo não dá para a pessoa se dedicar a um capítulo só e sim saber de todos de uma vez só. (Rayanne Guimarães, 14 anos, escola particular).

Percebemos de imediato que os alunos mesmo estudando em escolas diferentes, têm respostas que convergem, mas também divergentes. No entanto as justificativas para tais respostas são diferentes. Entre as justificativas acima apresentadas encontramos queixas; quando dizem sentir dificuldade na disciplina os alunos apontam entre outras características, a quantidade de conteúdos que se trabalha, a valorização dos detalhes e também apontam como responsável por tal dificuldade, a má explicação que a professora realiza sobre o conteúdo; os que responderam que não sentem dificuldades julgam que esse fato decorre da matéria ser prazerosa e ao contrário do que foi dito antes, a professora tem um bom desempenho em sala de aula; já os que responderam que às vezes sentem dificuldades, elegem os seguintes fatores: preguiça de ler e por que a matéria é detalhista demais.

Dessa maneira percebemos o quanto é difícil o ofício do historiador, a profissão de ensinar história, já que grande parte da aprendizagem se dá através da leitura e o que vemos nos alunos hoje, é o grande desinteresse pela leitura, aliado a outros fatores que contribuem para que os alunos se distanciem ou sintam dificuldades com a disciplina, como por exemplo, a questão do currículo, dos extensos programas, da quantidade de conteúdos que tem que ser trabalhados, muitas vezes sobrecarregando alunos e professores.

Como algumas das respostas acima fizeram referência ao professor e sua metodologia de ensino, vamos fazer uma pequena reflexão agora sobre o que estes alunos julgam ser um bom professor de história, o que eles têm a nos dizer sobre estes profissionais.

Um professor divertido, que saiba transmitir o conhecimento para os alunos de uma maneira que o conhecimento fique fixado. (Arthur Brasileiro, 15 anos, escola pública)

É aquele professor que não trabalha só com o livro, mas que também utiliza outros recursos como filmes, músicas, etc. Eu acho também que um bom professor (não só de história), é aquele que consegue fazer o aluno “viajar” no conteúdo, fazer ele imaginar o que aconteceu por que é assim que ele aprende e nunca mais esquece. (Bianca de Melo, 15 anos, escola particular)

O professor que procura informatizar a disciplina trazendo-a cada vez mais para o nosso cotidiano, tornando a aula prazerosa. (Cidcley Nascimento Cabral, 15 anos, escola particular)

Um professor que sabe explicar, um professor que tira a dúvida do aluno na hora que ele precisa. (Felipe Maycon da Silva Brito, 15 anos, escola pública)

Aquele que torna os assuntos didáticos tão interessantes quanto contos de fadas, mas sempre fazendo referências às nossas próprias interpretações. (Igor Barbosa, 16 anos, escola particular)

Aquele que consegue envolver os alunos na sala quando ele consegue trazer o fato histórico estudado para a sala de aula.

Um professor que nos envolva, e transmita a importância de nossas vidas passadas (Marcela Almeida Silva, 22 anos escola pública)

Aquele que incentiva o aluno a estudar e compreender e que possa ter um bom diálogo na sala de aula. (Marcilene de Oliveira Ramos, 18 anos, escola pública)

É aquele que dá sua disciplina com segurança e transmite confiança para o aluno dentro de sua explicação (Maria Nelly Pereira dos Santos, escola pública)

Diante dessas respostas verificamos que os alunos desejam um professor que oscila entre um profissional divertido, que saiba transmitir, que utilize recursos a mais e não só apenas o livro didático, que seja organizado em relação ao conteúdo, que saiba explicar, que traga assuntos interessantes para serem discutidos e saiba envolver os alunos, assim como também ter um bom diálogo, transmitir confiança e que ajude o aluno. Enfim, os alunos desejam um professor que alie a teoria à prática e também a pesquisa, não esquecendo de que estudar, ensinar e aprender também são processos que devem e podem ser passados de maneira prazerosa. No entanto, não devemos esquecer que o prazer de ensinar também perpassa por outras questões como tempo, disponibilidade para se dedicar aos estudos e pesquisas e assim poder preparar uma aula que seja agradável a ambos, professor e aluno. E isso Maria Auxiliadora Schimidt nos informa no seu texto “*A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula*”, quando discute em seu subtítulo *O fazer histórico e o fazer pedagógico*, as implicações que esses dois saberes acarretam na vida do professor de história, já que hoje busca-se “...realizar a transposição didática dos conteúdos e do procedimento histórico e também da

relação entre as inovações tecnológicas e o ensino de História.(SCHIMIDT, AUXILIADORA, 1997: 58)

Jaime e Carla Pinsky, nos dizem que "(...) É necessário portanto que o ensino de história seja revalorizado e que os professores desta disciplina conscientizem-se da sua responsabilidades social perante os alunos preocupando-se em ajudá-los a compreender e – esperamos – a melhorar o mundo em que vivem" (PINSKY, JAIME & PINSKY, CARLA, 2003: 22).

Certamente cabe ao professor como mediador e instrumentalizador das aulas viabilizar e adequar ou suprimir caminhos e atividades considerando o tempo e as condições para execução das atividades propostas, bem como incorporar outras que podem surgir com o trabalho em sala de aula por sugestões dos alunos. Tudo isso para que possamos como disciplina, deixar de ser vista como a matéria decoreba, que não reprova e que é cheia de conteúdos...

Devemos trabalhar no intuito de desmistificar, ou derrubar esse conceito, ou esse estigma que foi dado a história, e isso só vai ser possível quando o discurso ou a teoria que é passada na universidade se nivelar a realidade vivida pelos professores em sala de aula, não devemos partir dos sonhos para a realidade, mas sim da realidade para o sonho, ou seja, devemos nos basear nas realidades que vivenciamos em sala de aula, para montarmos as teorias que certamente funcionariam bem mais e ajudariam bastante nesse tão complexo movimento ensino-aprendizagem.

Chegamos a questão central ou motivadora da pesquisa. Por que alguns alunos sentem rejeição pelo ensino de história? Esta é a questão que me inquieta e de forma tão intensa que me levou a fazer uma pesquisa para tentar reverter este quadro, para isso me utilizo das falas de alguns colegas de profissão, tanto para saber a opinião e a experiência deles, assim como também para que me ajudem com sugestões para atrair o aluno a estudar história.

Para Ednaldo Araújo, os alunos sentem rejeição pelo ensino de história devido

Há uma mentalidade que faz parte do cotidiano comum da sociedade global, estando esse processo diretamente acostado ao regime neoliberal, que visa uma profunda alienação da classe jovem e daí origina-se essa rejeição. (Ednaldo Araújo, 26 anos, escola pública).

Fátima Agra nos diz que

Algumas vezes pelo fato de obrigá-los a fazer leitura, hoje, o aluno não gosta de ler, acha que o passado nada tem a ver. Só tem interesse por aquilo que não é cultura. (Fátima Agra, escola pública) .

Jailton concorda com a opinião de Fátima Agra no quesito leitura, como observamos em sua resposta, ele elenca três pontos;

- Falta de leitura;
- Não valorização do ensino de história pela própria sociedade;
- Valorização das escolas com outras áreas...

Maria das Graças Batista, nos diz que isso acontece

Por que ainda existem profissionais incompetentes, que em suas aulas se acomodam, não são criativos, não procuram investir neles e nem em seus alunos, dão aulas sentados. Fazem os alunos decorarem e não levam os mesmos a serem sujeitos da História

Assim, diante das respostas de alguns colegas de trabalho, vivemos ou percebemos a rejeição que como profissionais sofremos dentro das instituições de ensino nas quais trabalhamos, muitas vezes até a própria sociedade, como coloca Jailton, não dá a devida importância a disciplina e a própria história em si.

Existem também outros fatores que poderiam ser elencados por nós profissionais que não aparecem nas respostas, no entanto, já temos bastante materiais aqui para fazer análise; a falta de leitura de alunos aliado ao desinteresse, forma o fator principal da rejeição dos alunos para com a disciplina. Hoje o que vemos ter valor é um outro tipo de cultura que não a de estudar, os valores mudaram com o tempo, hoje a cultura é do descartável como lembra Fátima Agra, é por esse tipo de informação que grande parte dos alunos se interessa e não pelo conhecimento histórico.

Acredito ser essa a grande angústia do professor de história hoje, encontrar alunos que não gostam e nem parecem demonstrar querer aprender a ler, sentar, ouvir, calar, questionar (quando necessário), mas buscam apenas e somente aprender o que julgam importante para realizar uma boa prova de vestibular e muitos outros apenas passar de ano, como eles dizem.

Assim nos vem a última pergunta a ser feita para os professores e que fica para ser pensada também por você, leitor: o que deve ser feito para que os alunos se sintam atraídos pelo ensino de história?

Fazer com que este se sinta um construtor do saber, um agente responsável não apenas por ser receptor de informações, mas como um elemento criador, reformador e elaborador de novos conceitos e pensamentos (Ednaldo Araújo, 26 anos, escola pública)

O professor precisa junto com a família educar o aluno a ler, dá importância a aula, não é só em História, que há desinteresse, outras áreas também sentem esse problema (Fátima agra, escola pública)

1º leituras;

2º valorização (federal, estado, privada)

3º divulgação de novos conhecimentos e busca de novas metodologias. (Jailton, 42 anos, escola privada)

Aulas de vídeo com temas interessante; musicas, aulas de campo e profissionais competentes criativos, caso contrário não tem aluno que suporte um professor copiando no quadro de giz os 45 minutos de aula e quando toca, sai e não tem explicado nada. O aluno gosta de aulas criativas com debates para que ele questione e o professor seja democrático (Maria das Graças Batista, 51 anos, escola pública)

Com base nas respostas acima, percebemos que nos são dadas algumas idéias do que devemos fazer para mudar esse quadro, que como bem coloca Fátima Agra, não é uma realidade vivenciada apenas pela área de história, mas parece ser algo bem mais amplo.

Mudar a maneira como os alunos vêm sendo educados, talvez seja uma ótima sugestão, é preciso ensinar desde pequenos que a leitura é a base de toda aprendizagem. Deve-se valorizar as áreas que trabalham enfaticamente com leitura como é o caso da história, ou nos resumiremos a meros reprodutores de conteúdos, em sala de aula, pois falar sobre um determinado assunto para quem nem sequer ouviu falar é complicado, e talvez resida aí a grande lacuna no ensino de história: o professor sabe o que fala mas o aluno não entende por nunca ter ouvido o que o professor falou, ficando assim as interrogações a serem respondidas, que se acumulam com o tempo, caso o aluno não se disponibilize por conta própria e vontade sua a buscar nas leituras complementos para suas interrogações, até mesmo porque o professor não pode responder a tudo e a todos.

CONSIDERAÇÕES

FINAIS

O Ensino de História tem sido questionado hoje entre professores e alunos do Ensino Médio, devido o ensino aprendizagem em História não ser bem aceito e compreendido pelos educandos, pois acham uma disciplina decorativa e que “não serve para nada”. Da mesma forma referem-se ao papel do livro didático nas séries iniciais do Ensino Médio, como podemos perceber através das respostas contidas nos questionários.

Hoje mais do que nunca busca-se mudanças no Ensino de História com o intuito de descartar uma velha concepção: a de que lecionar história é algo muito fácil, pois não exige raciocínio e o conhecimento nunca muda, pois está todo nos livros didáticos e a grande tarefa dos alunos é repeti-lo. No entanto, diante das leituras realizadas e das discussões apresentadas durante a especialização pudemos perceber que essa realidade ou esse pensamento tem mudado, pois a importância de história no ensino médio reside no seguinte aspecto: a história produz conhecimento que nos parece fundamental para a vida do homem-indivíduo.

Nesse sentido acreditamos ter acertado na temática da pesquisa por existir uma necessidade urgente de mudanças no ensino de história do ensino médio e na forma de utilização do livro didático em sala de aula. Para que isso aconteça se faz necessária uma busca pela história viva e não esquemática. Essa não é uma tarefa fácil e sabemos que não existem receitas prontas, mas se trilharmos alguns caminhos, com auxílio dos PCN's e PNLD, podemos tornar mais agradável aos olhos dos alunos e professores o ensino da história.

A história é um processo, uma construção coletiva. Neste sentido, o professor de ensino médio deve passar ao aluno o fato de que o conhecimento histórico é construído a partir de determinados procedimentos teórico - metodológicos, pondo por terra o mito do saber acabado e da história como verdade absoluta.

Nesta pesquisa busco uma proposta que amplie as capacidades dos alunos, desenvolvendo autonomia e compreensão da realidade e incentivando a participação e a co-responsabilidade na vida social através do caminhar no ensino de história.

Foi diante de indagações realizadas em sala de aula do tipo: para que serve a história? E tantas outras que busquei uma fundamentação através de autores e autoras que se preocupam em trazer à tona discussões sobre o ensino de história e

o papel da história na vida das pessoas que participam dela, e de maneira mais direcionada para os professores e alunos que são diretamente "bombardeados" por tais questionamentos. É importante esclarecer que busco definir o sentido político de nossa ação como historiadores, como elaboradores de discurso, selecionadores de conteúdos, que implicam em um determinado percurso reflexivo a ser trilhado por professores e alunos.

Foi através dessa pesquisa que infelizmente comprovamos que, mesmo diante de tantas possibilidades de mudanças, o ensino de história nas séries iniciais do ensino médio, seja ele em escola pública ou privada, ainda hoje é trabalhado em uma visão tradicional, descritiva, reprodutora de conhecimento e linear, desconsiderando as novas propostas presentes nos PCN's voltadas para a organização de blocos temáticos, estudos de caso e problemas próximos da realidade dos alunos e que favoreçam a leitura crítica do processo ao longo dos tempos.

É importante esclarecer que a busca de caminhos para renovar o ensino de história e adequar os conteúdos a realidade dos novos tempos tem recebido significativa contribuição de estudiosos que com suas reflexões e capacidade de síntese vêm redefinindo o papel do ensino de história. Conhecer seus pensamentos nos ajuda a encontrar formas de resignificar o trabalho em sala de aula no sentido de ensinar a pensar, selecionar e interpretar informações e a tomar decisões, substituindo a transmissão do conhecimento pronto pela construção de novas formas de compreensão.

Tomando o livro didático como uma fonte de pesquisa para realizar tal trabalho, percebemos que ele apresenta-se não como mero manual descritivo ou enciclopédico (como muitos acham), mas como instrumento e estratégia pedagógica que possibilita ao professor despertar em seus alunos interesse e motivação pelo mundo. Assim como as aulas de história, o livro didático cumpre melhor o seu papel quando consegue envolver o aluno no ensino-aprendizagem.

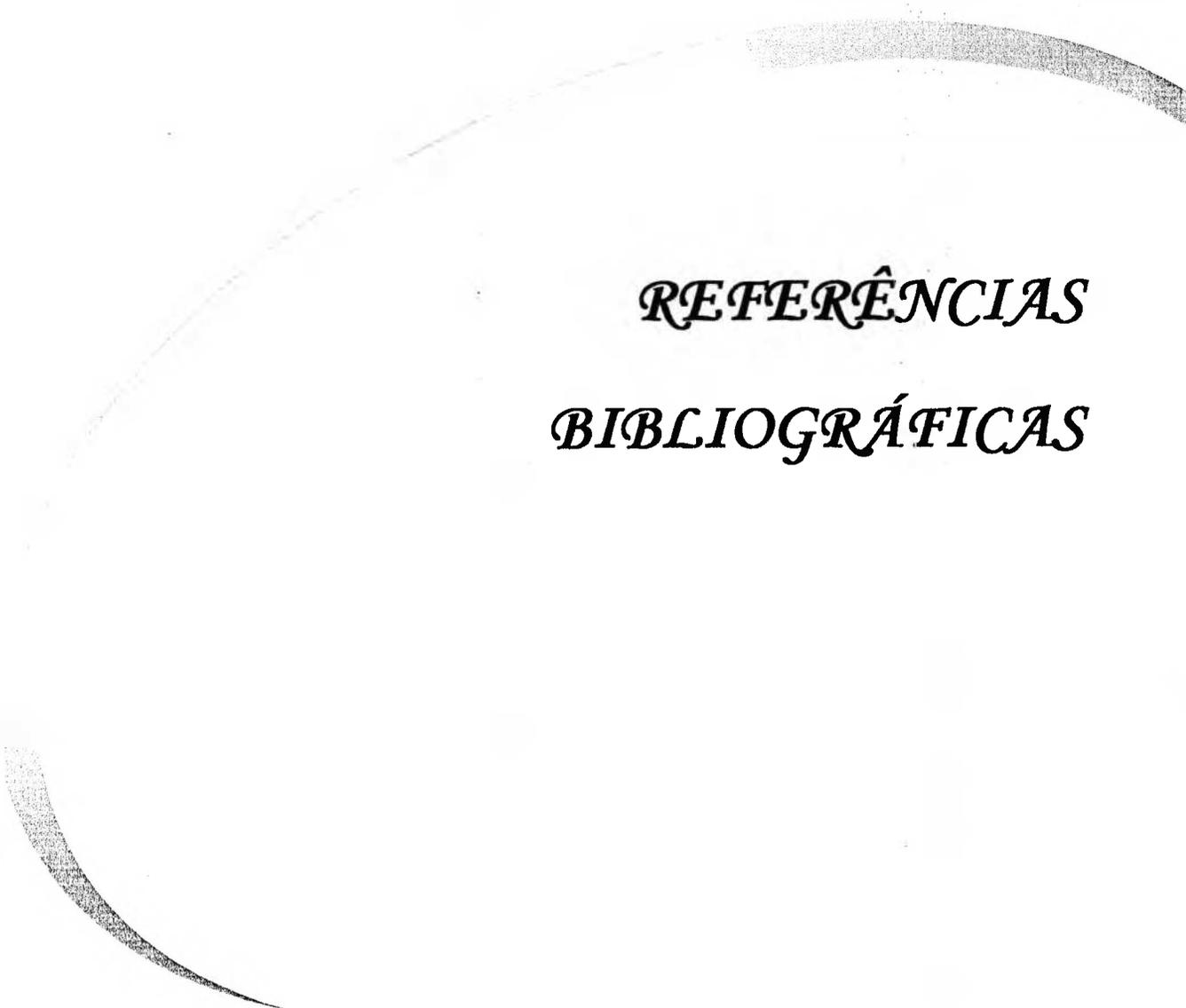
Falar do uso do livro didático de história e da sua importância não foi e nem é fácil, já que este material poderia ser usado de várias maneiras, no entanto, o professor, o aluno e a escola como um todo vêem geralmente no manual didático, apenas um uso possível: a leitura de textos ou muitas vezes como fonte de pesquisa.

Um outro ponto que gostaria de chamar atenção diz respeito ao ensino de história e o papel do livro didático na visão de professores e alunos do ensino médio em duas escolas, uma da rede privada - CIC – Damas e outra pública – Raul Córdula. Como podemos ver nas respostas, como também as preocupações e sugestões apontadas quando questionados sobre como é e como gostariam que se desse o ensino de história e o uso do livro didático.

Estamos hoje em contato com grande quantidade de informações, com discursos diversos que, se por um lado nos oferecem múltiplas possibilidades de apreensão do presente, por outro, em razão de seu caráter fragmentário, dificultam a elaboração de um quadro geral articulado da realidade na qual estamos imersos. Nesse contexto, a história pode nos servir de referencial, de guia, para esse processo de compreensão do mundo, pré-requisito para o pleno exercício da cidadania.

Finalizando, gostaria de esclarecer que esta pesquisa dá início a discussão de uma problemática que possibilita a continuidade e aprofundamento da mesma, já que perceberemos as lacunas que existem entre os anseios dos professores e dos alunos.

As questões que me levaram a pesquisar sobre o ensino e o uso do livro didático não preencheram as minhas inquietações, serviram-me apenas de motivação para uma pesquisa mais aprofundada tanto teoricamente como com um maior número de escolas e realidades, visto que através do aprofundamento das abordagens teóricas, pude ver que existem possibilidades do ensino de história e o uso do livro didático despertarem no aluno o desejo de aprender, e no professor, o prazer de ensinar História.



REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Identidade nacional e ensino de história do Brasil. In: KARNAL, Leandro (org.) *História na sala de aula*. São Paulo, 2003, pp.185-204.

DUSCHATSKY, Silvia & SKILIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: *Habitantes de Babel – Políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pp. 119-38.

FONSECA, Thais Nívea de Lima & SIMAN, Lana de Mara Castro (orgs.). *Inaugurando a História e Construindo a nação: discursos e imagens no ensino de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MACEDO, José Rivair. História e livro didático: o ponto de vista de um autor. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et alli. *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, pp. 289-301.

MUNAKATA, Kazumi. Indagações sobre a história ensinada. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et alli. *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, pp. 302-13.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (org.). *Contra o consenso: LDB, DCN, PCN e Reformas no Ensino*. João Pessoa: ANPUH – PB/ Sal da Terra, 2000.

WASSERMAN, Claudia. O livro didático: aspectos teórico-metodológicos relevantes na sua produção. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et alli. *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, pp. 249-55.

ABUD, Kátia Maria. O livro didático e a popularização do saber histórico. In: SILVA, Marcos A. da (org). *Repensando a história*. 6. ed. São Paulo: Marco Zero, 1997, pp. 81-91.

_____. Formação da Alma e do Caráter Nacional: Ensino de História na Era Vargas. *Revista Brasileira de História*. v. 18 n. 36 São Paulo 1998.

BALDISSERA, José Alberto. *O livro didático de História: uma visão crítica*. 4. ed. Porto Alegre: EVANGRAF, 1994, pp. 17-39.

BEZZERA, Holien Gonçalves. Ensino de história: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (org.) *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 37-48.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Orientações Curriculares do Ensino Médio. Brasília – DF. pp. 278-313. 2004.

BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, s/d, pp. 139-179; 295-324.

_____. Identidade nacional e ensino de história do Brasil. In: KARNAL, Leandro (org.) *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 185-204.

CALISSI, Luciana. Historiografia didática. In: BEHAR, Regina e FLORES, Elio (orgs.) *A formação do historiador: tradições e descobertas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2004, pp. 47-61.

CHARTIER, Roger & ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, pp. 99-115.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. Caderno Cedes, ano XX, n° 52, novembro, 2000.

CRUZ, Marília eatriz Azevedo. O ensino de História no contexto das transições paradigmáticas da História da Educação. IN: NIKITIUK, Sônia (org.). *Repensando o ensino de história*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção questões da nossa época). V. 52, pp. 67-76.

FAVERSANI, Fábio. *Ler e escrever: livros didáticos*. Héliade, Número especial, 2001, pp. 11-18.

FICO, Carlos. Algumas anotações sobre a historiografia, teoria e método no Brasil dos anos 1990. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et alli. *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, pp. 27-40.

FLORES, Elio Chaves & BEHAR, Regina (orgs.). *A formação do Historiador tradições e descobertas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da história ensinada*. 3. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

FONSECA, Thais Nívea. *História & Ensino de História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FRANCO, Laura P. B. *O livro didático de história no Brasil: a versão fabricada*. São Paulo: Global, 1982.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et alii. *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, pp. 19-40.

LORENZONI, Ionice. Livro didático: 75 anos de História. 27-02-2004

MELLO, Guiomar Namó de. *O livro didático no sistema de Ensino Público do Brasil*, 21-01-1999, pp.1-7 (artigo).

MIRANDA, Sonia Regina; LUCA, Tânia Regina. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, jul-dez de 2004, vol. 24, nº 48.

MUNAKATA, Kazumi. História que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura no Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (org.) *Historiografia Brasileira em perspectiva*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 271-295.

NAPOLITANO, Marcos. Pensando a estranha história sem fim. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula*. São Paulo: 2003, pp. 163- 84.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (org.) *Contra o consenso: LDB, DCN, PCN e Reformas no Ensino*. João Pessoa: ANPUH – PB; Sal da Terra, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jathay. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINSKY, Jaime & PINSKY, Carla Bassanezi. O que e como ensinar: por uma história prazerosa e conseqüente. IN: NIKITIUK, Sônia (org.). *Repensando o ensino de história*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção questões da nossa época). V. 52, pp.

PNLD 2005 – Guia de Livros Didáticos para a Primeira Fase do Ensino Fundamental.

ROCHA, Ubiratan. Reconstruindo a História a partir do imaginário do aluno. In: NIKITIUK, Sônia (org.). *Repensando o ensino de história*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001 (Coleção questões da nossa época). V. 52, pp. 47-66.

SEFFNER, Fernando. Teoria, metodologia e ensino de história. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et alli. *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, pp. 257-88.

SILVA, Jahelina de Almeida. Porque se estudar a história local? A ditadura do vestibular no conteúdo de história do Ensino Médio. Textos didáticos de História – coletânea, 2006- Ano I- vol. I- nº I.

SILVA, Marcos A da. *História: o prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SOUSA, Fábio Gutemberg de. *A História da Paraíba no livro didático: um problema e seus desafios*. 6ª Semana de Ensino, Pesquisa, Extensão - UFCG, 2003.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FÁBIO GUTEMBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

PROFESSOR: ÁULYSON CAMPINA IDADE: 29

01- COMO TEM SIDO A SUA PRÁTICA DOCENTE EM SALA DE AULA?

COMO OS NOSSOS ALUNOS - NA SUA MAIORIA - NÃO ENXERGAM MUITO
BOM AS AULAS DE HISTÓRIA TENTO NAS AULAS UTILIZAR UMA
ESTRATÉGIA DE TENTAR EMOCIONÁ-LOS COM ALGUNS ASSUNTO
EM SUAS AULAS. FAZER COM QUE ELES VIVENCIEM OS PROCESSOS,
AS CONSTRUÇÕES E AS REPRESENTAÇÕES

02- COMO VOCÊ ENCARA O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA?

ANTES DE TUDO DESAFIADOR POIS NOSSOS ALUNOS TEM UMA
VISÃO NEGATIVA DAS DISCIPLINAS DAS CIÊNCIAS HUMANAS

03- COMO VOCÊ TRABALHA A HISTÓRIA EM SALA DE AULA?

ATRAVÉS DE REFLEXÕES SOBRE OS PROCESSOS, CONSTRUÇÕES
E REPRESENTAÇÕES QUE OS DOS TÓPICOS / TEMAS. PARA
QUE ISSO SEJA POSSÍVEL UTILIZO QUADRO, TEXTOS COMPLEMENTARES
SEM COMO O QUADRO.

04- QUE RECURSOS DIDÁTICOS VOCÊ GERALMENTE UTILIZA EM SUAS AULAS?

QUADRO/PINCEL ~~FORA~~ TRECHOS DE TEXTOS ACADÊMICOS / LIVRO
DIDÁTICO E QUADRO. VALE SALIENTAR QUE AULAS COM
FILMES ALGUNS ALUNOS UTILIZAM-NAS PARA DORMIR...

05- QUE LIVROS DIDÁTICOS SÃO UTILIZADOS EM SUAS AULAS? POR QUÊ?

UTILIZO OS LIVROS DIDÁTICOS PELA ÁREA POIS SÃO ESCOLHIDOS
MEIO DE UM CRITÉRIO DE PROCESSO DE ESCOLHA DE ACORDO
COM AS NECESSIDADES DO PROCESSO VESTIBULAR

06- COMO VOCÊ TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO ADOPTADO EM SALA DE AULA?

MEDIANTE O PEDIDO DE QUE OS ALUNOS FAZAM LEITURAS EM CASA, ALÉM DA AULA, ALÉM DISSO UTILIZAMOS TAMBÉM FLECHOS / IMAGENS PARA DISCUTI-LOS.

07- PARA VOCÊ, QUAL O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO?

PAPEL DE INFORMAR E DE ORIENTAÇÃO PARA A PERCEÇÃO DE COMO ALGUNS PROCESSOS SÃO CONSTRUÍDOS

08- EM SUA OPINIÃO, POR QUE ALGUNS ALUNOS SENTEM REJEIÇÃO PELO ENSINO DA HISTÓRIA?

- PELOS POSSÍVEIS DE CUMPRIR UM PROGRAMA QUE É IMPOSTO PELO PROCESSO DE VESTIBULAR

09- SE SUA ESCOLA NÃO ADOTA LIVRO DIDÁTICO, COMO VOCÊ TRABALHA OS CONTEÚDOS DE HISTÓRIA?

10- EM SUA OPINIÃO O QUE DEVE SER FEITO PARA QUE OS ALUNOS SE SINTAM ATRAÍDOS PELO ENSINO DA HISTÓRIA?

NO MOMENTO EM QUE ~~HOVER~~ HOVER UMA LIBERDADE DO PROFESSOR COM RELAÇÃO A UM PROGRAMA / CURRÍCULO E QUANDO O PROFESSOR PÔSSER A SE REDIRIR A POUCAS AULAS NUMA SÓ JUSTIÇA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FÁBIO GUTENBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

PROFESSOR: Ednaldo Araújo de Melo Júnior IDADE: 26 anos

01- COMO TEM SIDO A SUA PRÁTICA DOCENTE EM SALA DE AULA?

O principal intuito do docente em nível geral deve ser o de atuar enquanto um agente facilitador do processo de tomada de conhecimento por parte do discente, portanto tem buscado meios para melhorar esse processo.

02- COMO VOCÊ ENCARA O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA?

Como um desafio, haja visto que nesse momento em tanto que pontuamos por que passa a educação em escala geral o educador, especialmente o de história deve estar trabalhando na atual constantemente buscando novos determinados paradigmas.

03- COMO VOCÊ TRABALHA A HISTÓRIA EM SALA DE AULA?

Uma perspectiva de interação e mais, de promover o indivíduo a sentir-se um agente ativo na construção de uma nova mentalidade sociológica, fazendo com que compreenda que é um ente importante no processo de construção da identidade de história do meio no qual se encontra inserido.

04- QUE RECURSOS DIDÁTICOS VOCÊ GERALMENTE UTILIZA EM SUAS AULAS?

O Professor/Facilitador, busca de recursos que ao mesmo tempo que melhorem, auxiliem na aprendizagem também dinamizem as aulas. Os recursos são os mais variados, desde fotos e reportagens de notícias e jornais até CD's, DVD's, imagens por transparência, data show, etc.

05- QUE LIVROS DIDÁTICOS SÃO UTILIZADOS EM SUAS AULAS? POR QUÊ?

Não utilizamos este recurso.

06- COMO VOCÊ TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO ADOTADO EM SALA DE AULA?

De maneira intuitiva, ou seja, o livro não tem um papel de coadjuvante, mas, sim, um papel fundamental no processo de formação do conteúdo intelectual do indivíduo. Somar às informações contidas no livro e somar-lhe a outros subsídios.

07- PARA VOCÊ, QUAL O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO?

Para o indivíduo não apenas para os professores titulares, mas também para uma comunidade cidadã, especialmente num ano eleitoral como esse de 2006, onde o destino do país está em jogo, numa disputa penúltima pelo Poder. Para a importância da História só no âmbito do Brasil.

08- EM SUA OPINIÃO, POR QUE ALGUNS ALUNOS SENTEM REJEIÇÃO PELO ENSINO DA HISTÓRIA?

há uma mentalidade que faz parte do cotidiano comum de sociedade, onde, estando esse processo ditadamente associado ao regime neoliberal, que nos dá uma profunda alienação da classe pobre e da origem de esse regime.

09- SE SUA ESCOLA NÃO ADOTA LIVRO DIDÁTICO, COMO VOCÊ TRABALHA OS CONTEÚDOS DE HISTÓRIA?

Fazemos uso de recursos paralelos como apostilas, listas de exercícios, fichamentos, resumos e resenhas, para tentarmos equilibrar este tão grave déficit.

10- EM SUA OPINIÃO O QUE DEVE SER FEITO PARA QUE OS ALUNOS SE SINTAM ATRAÍDOS PELO ENSINO DA HISTÓRIA?

Fazer com que este se sinta um condutor do saber, um agente responsável mas apenas por ser receptor de informações, mas como um elemento criador, informador e elaborador de novos conceitos e pensamentos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADEMICA DE HISTORIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTORIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FÁBIO GUTEMBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

PROFESSOR: JASELTON

IDADE: 49

01- COMO TEM SIDO A SUA PRÁTICA DOCENTE EM SALA DE AULA?

DIFÍCIL. REPLICAR-SE PELO FATO DA FALTA DE
LEITURA DOS ALUNOS JÁ QUE A LEITURA É PREMONDIAL
PARA O ENTENDIMENTO E APROFUNDAMENTO DA DISCIPLINA.

02- COMO VOCÊ ENCARA O PROCESSO ENSINO APREDIZAGEM EM HISTÓRIA?

O MESMO ACONTECE QUANDO EXISTE UMA TROCA
DE CONHECIMENTO, E O PROFESSOR DEVE SER
FACILITADOR. JÁ QUE O OBJETIVO É LEVAR OS
ALUNOS A COMPREENSÃO DA REALIDADE TENDO NO
PASSADO O ESPELHO PARA ESTA COMPREENSÃO.

03- COMO VOCÊ TRABALHA A HISTÓRIA EM SALA DE AULA?

DE FORMA INTEGRADA, A HISTÓRIA UNIVERSAL, E DO
BRASIL RELACIONANDO COM A CONTEMPORANEIDADE

04- QUE RECURSOS DIDÁTICOS VOCÊ GERALMENTE UTILIZA EM SUAS AULAS?

→ LIVROS
→ TEXTOS COMPLEMENTARES
→ VÍDEO
→ TRANSPARÊNCIAS, ETC

05- QUE LIVROS DIDÁTICOS SÃO UTILIZADOS EM SUAS AULAS? POR QUÊ?

HISTÓRIA DAS CIVILIZAÇÕES

06- COMO VOCÊ TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO ADOTADO EM SALA DE AULA?

O LIVRO É UM ELEMENTO MOTIVADOR DE DEBATES. PROCURO DESTACAR O PUNTO PRINCIPAL FAZENDO QUANDO NECESSÁRIO, ESQUEMAS.

07- PARA VOCÊ, QUAL O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO?

É UM ELEMENTO ACCELERADOR E AO MESMO TEMPO RESPONSÁVEL POR GERAR A COMPREENSÃO DO PASSADO E SUA ASSOCIAÇÃO COM O PRESENTE.

08- EM SUA OPINIÃO, POR QUE ALGUNS ALUNOS SENTEM REJEIÇÃO PELO ENSINO DA HISTÓRIA?

- FALSA DEZ. 2.ª LINGUA;
- NÃO VALORIZAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA PELA PRÁTICA SOCIAL;
- VALORIZAÇÃO DAS ESCOLAS EM OUTRAS ÁREAS.

09- SE SUA ESCOLA NÃO ADOTA LIVRO DIDÁTICO, COMO VOCÊ TRABALHA OS CONTEÚDOS DE HISTÓRIA?

10- EM SUA OPINIÃO O QUE DEVE SER FEITO PARA QUE OS ALUNOS SE SINTAM ATRAÍDOS PELO ENSINO DA HISTÓRIA?

1. LEITURAS
2. VALORIZAÇÃO (FEDERAL, ESTADO, MUNICIPAL)
3. DIVULGAÇÃO DE NOVOS CONHECIMENTOS E BUSCA DE NOVAS METODOLOGIAS.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FÁBIO GUTEMBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

PROFESSOR: Neide Oliveira IDADE: 38

01- COMO TEM SIDO A SUA PRÁTICA DOCENTE EM SALA DE AULA?

Muito difícil, pois o aluno hoje acha que o professor não é nada e que a disciplina de História não tem valor e não é uma coisa passadeira (passar no vestibular)

02- COMO VOCÊ ENCARA O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA?

Infelizmente a gente trabalha com uma mentalidade de aluno de ensino médio que só quer passar no vestibular e não está interessado na aprendizagem.

03- COMO VOCÊ TRABALHA A HISTÓRIA EM SALA DE AULA?

Através de discussões teóricas, repassando todo o conteúdo pois, infelizmente a gente trabalha com uma mentalidade de aluno de ensino médio que só quer passar no vestibular e não está interessado na disciplina de História.

04- QUE RECURSOS DIDÁTICOS VOCÊ GERALMENTE UTILIZA EM SUAS AULAS?

Vídeos, música, Textos de outros livros e jornais

05- QUE LIVROS DIDÁTICOS SÃO UTILIZADOS EM SUAS AULAS? POR QUÊ?

Eu Trabalho com Eçaúdio Vicentino no Monte Sião e no Santo Inês com História das Cavernas, porque é uma exigência da escola (parceria com as editoras)

06- COMO VOCÊ TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO ADOTADO EM SALA DE AULA?

Através de Leituras comentadas e interpretações

07- PARA VOCÊ, QUAL O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO?

Eles auxiliam nas informações e no aprofundamento dos conteúdos

08- EM SUA OPINIÃO, POR QUE ALGUNS ALUNOS SENTEM REJEIÇÃO PELO ENSINO DA HISTÓRIA?

Porque o conteúdo é somente voltado para o vestibular

09- SE SUA ESCOLA NÃO ADOTA LIVRO DIDÁTICO, COMO VOCÊ TRABALHA OS CONTEÚDOS DE HISTÓRIA?

10- EM SUA OPINIÃO O QUE DEVE SER FEITO PARA QUE OS ALUNOS SE SINTAM ATRAÍDOS PELO ENSINO DA HISTÓRIA?

Quando as instituições educacionais valorizarem mais a disciplina de história e permitir que os professores tenham uma certa liberdade para trabalhar o seu conteúdo.

publico

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

PROFESSOR: Ms. de Tatiana D. Aze IDADE: _____

01- COMO TEM SIDO A SUA PRÁTICA DOCENTE EM SALA DE AULA?

Em outros tempos o professor desempenhava melhor seu papel de educador, e alguns tempos mais intencionalmente buscavam mais comprometimentos. Hoje observamos o aluno mais preocupado com nota, não importa com o mesmo como conseguir.

02- COMO VOCÊ ENCARA O PROCESSO ENSINO APREDIZAGEM EM HISTÓRIA?

Há. Encontra-se mais recursos, mais oportunidades para transmitir os conteúdos, o diferencial é que o professor precisa ter várias ruas e escolas, o que dificulta no seu desempenho.

03- COMO VOCÊ TRABALHA A HISTÓRIA EM SALA DE AULA?

Com aulas expositivas, uso de filmes, pesquisas em grupos, seminários, etc.
Na escola pública, a dificuldade em trabalhar é maior, devido as condições materiais.

04- QUE RECURSOS DIDÁTICOS VOCÊ GERALMENTE UTILIZA EM SUAS AULAS?

• Livro didático, retroprojetor, vídeos, algumas vezes a sala de informática. Nas escolas públicas, estes recursos são poucos utilizados, por falta dos mesmos.

05- QUE LIVROS DIDÁTICOS SÃO UTILIZADOS EM SUAS AULAS? POR QUÊ?

Diversos, em textos, pesquisas, seminários.
O livro didático é mais utilizado.

06- COMO VOCÊ TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO ADOTADO EM SALA DE AULA?

Como pesquisa, fichamento, atividades e acompanhamento das aulas expositivas.

07- PARA VOCÊ, QUAL O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO?

Muito importante, cria no aluno o hábito de leitura (comum em séries anteriores) mas, que agora, traz mais informações, uma vez que o livro é mais completo.

08- EM SUA OPINIÃO, POR QUE ALGUNS ALUNOS SENTEM REJEIÇÃO PELO ENSINO DA HISTÓRIA?

Algumas vezes pelo fato, de obrigá-los a fazer leitura, hoje, o aluno não gosta de ler, acha que o passado nada tem a ver. Só tem interesse por aquilo que não é cultura.

09- SE SUA ESCOLA NÃO ADOTA LIVRO DIDÁTICO, COMO VOCÊ TRABALHA OS CONTEÚDOS DE HISTÓRIA?

Na escola pública, o uso de textos, Xerox é muito comum, devido a dificuldade financeira da clientela.

10- EM SUA OPINIÃO O QUE DEVE SER FEITO PARA QUE OS ALUNOS SE SINTAM ATRAÍDOS PELO ENSINO DA HISTÓRIA?

O professor precisa junto com a família educar o aluno, a ver, da importância a aula, não é só em história, que há desinteresse, outras áreas também sentem esse problema.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FÁBIO GUTENBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

Prof. da Esc. Est. Raul
Cândido

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO (Noite) DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

PROFESSOR: Meda das Graças Batista IDADE: 51 anos
de Almeida (João e 3-º An)

01- COMO TEM SIDO A SUA PRÁTICA DOCENTE EM SALA DE AULA?

Maravilhosa. Procuro sempre
atingir a praxi (Teoria + prática)
através de vídeos, visitas a museus,
viagens interdisciplinares, entrevistas,
etc.

02- COMO VOCÊ ENCARA O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA?

Usando a democracia nas
aulas para que o aluno seja
um agente transformador da
sociedade na qual ele está
inserido.

03- COMO VOCÊ TRABALHA HISTÓRIA EM SALA DE AULA?

Como é real, estadual, peço que
os alunos tirem xerox e cada
bimestre utilizamos autores di-
ferentes. Ex. Gilberto Cotrim, Johnson,
Mynam, Becca, Fee, Teixeira...

04- QUE RECURSOS DIDÁTICOS VOCÊ GERALMENTE UTILIZA EM SUAS AULAS?

→ Textos atualizados. Quadro giz e
apagador (poucas vezes pois na
maioria não temos giz e nem
apagador)
→ Vídeos dos próprios alunos, já que
nunca encontramos o do colégio no próprio
colégio.

05- QUE LIVROS DIDÁTICOS SÃO UTILIZADOS EM SUAS AULAS? POR QUÊ?

Utilizamos xerox de autores diferentes
porque os alunos não têm e
não têm condições de comprar
e quando temos xerox procura-
mos um lugar que seja
mais barato e o tamanho
também varia.

→ Os livros dados pelo governo
federal só foram os de Língua Portuguesa
e Matemática.

Os de História como consentiram
nunca e dado para o aluno

06- COMO VOCÊ TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO ADOTADO EM SALA DE AULA? (3º Ano Em Médio)

Trabalho com Xerox, procuro
historiadores que consentiram e os
alunos apresentam seminários, fazem
fichamento

07- PARA VOCÊ, QUAL O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA NAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO?

É de grande importância e
facilita muito para que as aulas
sejam mais dinâmicas e participa-
tivas.

08- EM SUA OPINIÃO, POR QUE ALGUNS ALUNOS SENTEM REJEIÇÃO PELO ENSINO DA
HISTÓRIA?

Porque ainda existem profissionais
incompetentes, que em suas aulas
se acomodam, não são criativos
não procuram investir neles e nem
em seus alunos, dão aulas repetidas
fazem os alunos decorarem e não

09- SE SUA ESCOLA NÃO ADOTA LIVRO DIDÁTICO, COMO VOCÊ TRABALHA OS
CONTEÚDOS DE HISTÓRIA?

Através de Xerox. Procuro sempre
selecionar conteúdos importan-
tes com temas que leve os
alunos a pensar em mudanças
para seu crescimento.

10- EM SUA OPINIÃO O QUE DEVE SER FEITO PARA QUE OS ALUNOS SE SINTAM
ATRAÍDOS PELO ENSINO DA HISTÓRIA?

Aulas de vídeo com temas
interessantes, músicas, aulas
de campo e profissionais com-
petentes criativos, caso con-

trário não tem aluno que
suprta um professor copian-
do no quadro de giz os 45
minutos de aula e quando
faca, sai e não tem explica-
do nada. O aluno gosta de
aulas criativas com debates
para que ele questione e o
professor seja democrático.

Relatos e experiências
de professores
de História

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FÁBIO GUTEMBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): Rayanne de Queiroz Guimarães IDADE: 14

01- O QUE VOCÊ ACHA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

Na minha opinião, as aulas de história, poderia ser mais participativa, não só fazendo a leitura do livro, mas alguma outra coisa que envolva toda a sala.

02- VOCÊ SENTE DIFICULDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA? POR QUÊ?

Sim. Porque o conteúdo sendo acumulativo não dá para a pessoa se dedicar a um capítulo só, sim saber de todos de uma vez só.

03- O QUE VOCÊ ESPERA DO ESTUDO DA HISTÓRIA? -

Espero que através do estudo da história, nós possamos entender os acontecimentos do passado, para podermos entender os acontecimentos do presente e do futuro.

04- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NAS AULAS DE HISTÓRIA? (FILMES, MÚSICAS, PALESTRAS, JOGOS, ETC...)

Gostaria que tivesse alguns filmes e mais atividades que envolva todo o grupo, além de alguns projetos em dupla.

05- QUAL A IMPORTÂNCIA DO USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA?

É uma ferramenta que possibilita o entendimento dos fatos históricos.

06- COMO VOCÊ UTILIZA O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

lendo todos os capítulos juntos em sala de aula.

07- COMO O SEU PROFESSOR TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA?

Pedindo para alguém fazer uma leitura em voz alta, parando, e explicando as partes mais importantes.

08- COM QUE FREQUENCIA VOCÊ LÊ O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

() DIARIAMENTE SEMANALMENTE () MENSALMENTE () RARAMENTE

09- O QUE É PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR DE HISTÓRIA?

Aquele que procura ajudar o aluno, de alguma forma.

10- EXEMPLIFIQUE OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA? (VÍDEOS, MÚSICAS, LITERATURAS, ETC...)

Vídeos usou uma vez, música nunca usou e literatura também não.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADEMICA DE HISTORIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTORIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FLÁVIO GUTEMBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): BARBARA

IDADE: _____

01- O QUE VOCÊ ACHA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

As aulas de história são muito monótonas, já que não são utilizadas
dos recursos mais dinâmicos para a melhor aprendizagem dos alunos,

02- VOCÊ SENTE DIFICULDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA? POR QUÊ?

Sim, sinto dificuldade em compreender e "decodificar" o que vêm a ser
mostrado na disciplina, mas no que diz respeito a nota, não tenho difi-
culdade, pois a matéria me faz a obter um conhecimento momen-
tâneo, já que muitas vezes decorei os conteúdos.

03- O QUE VOCÊ ESPERA DO ESTUDO DA HISTÓRIA? -

Eu espero que melhore a meu mais dinâmico e nem de desmotivado
e cansativo.

04- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NAS AULAS DE HISTÓRIA? (FILMES, MÚSICAS, PALESTRAS, JOGOS, ETC...)

Para melhorar o desempenho dos alunos acredito que usar filmes,
trabalhos para serem apresentados oralmente e também dramatizações
são bastante úteis.

05- QUAL A IMPORTÂNCIA DO USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA?

O livro didático muitas vezes não é útil pois não apresen-
ta os fatos históricos por completo; sendo necessário os pesquisar em pesquisas
e assuntos em estudos na internet ou em outros livros.

06- COMO VOCÊ UTILIZA O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

Utilizo o meu livro de história sendo lentamente para ler e obter uma boa compreensão sobre o que está sendo dito

07- COMO O SEU PROFESSOR TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA?

Minha professora trabalha sendo sempre, guiando as partes importantes, passando os exercícios e explicando com seus próprios

08- COM QUE FREQUENCIA VOCÊ LÊ O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

() DIARIAMENTE (x) SEMANALMENTE () MENSALMENTE () RARAMENTE

09- O QUE É PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR DE HISTÓRIA?

É aquele que ensina história de forma quase imperceptível, que tem um bom relacionamento com os alunos e também uma aula dinâmica.

10- EXEMPLIFIQUE OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA? (VÍDEOS, MÚSICAS, LITERATURAS, ETC...)

Textos, vídeos (algumas vezes), literaturas;

15/05/2015

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): Bianca La Barbara de Melo

IDADE: 15

01- O QUE VOCÊ ACHA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

Eu acho que as aulas de história, por um lado são cansativas, mas também são muito importantes para sabermos a origem de muitas coisas, e: a origem de homem, de civilizações, da escrita, e etc.

02- VOCÊ SENTE DIFICULDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA? POR QUÊ?

Sim porque é uma matéria que valoriza muito os detalhes.

03- O QUE VOCÊ ESPERA DO ESTUDO DA HISTÓRIA? -

Eu espero que o estudo da história contem, para aprendermos coisas que ainda não fazamos descobertas e também que as gerações futuras saibam o que aconteceram no nosso tempo.

04- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NAS AULAS DE HISTÓRIA? (FILMES, MÚSICAS, PALESTRAS, JOGROS, ETC...)

Eu acho que o aluno tem mais facilidade no aprendizado quando o assunto mexer com o emocional ou seja quando o aluno entra na história e consegue imaginar tudo que aconteceu, para isso é indispensável os filmes e também as músicas.

05- QUAL A IMPORTÂNCIA DO USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA?

É muito importante porque é no livro que está o conteúdo.

06- COMO VOCÊ UTILIZA O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

Eu utilizo o livro mais para estudar para as provas

07- COMO O SEU PROFESSOR TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA?

Com a explicação dos conteúdos e a realização das atividades

08- COM QUE FREQUENCIA VOCÊ LÊ O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

() DIARIAMENTE () SEMANALMENTE (X) MENSALMENTE () RARAMENTE

09- O QUE É PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR DE HISTÓRIA?

É aquele professor que não trabalha só com o livro, mas que também utiliza outros recursos como filmes, músicas, etc. Ou seja também que um professor (não só de história) é aquele que consegue fazer o aluno "viajar" no conteúdo fazer ele imaginar o que aconteceu porque é assim que ele aprende e nunca mais esquece.

10- EXEMPLIFIQUE OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA? (VÍDEOS, MÚSICAS, LITERATURAS, ETC...)

Ele utiliza textos e o livro didático

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR ORIENTADOR: **FÁBIO** GUTENBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): Angeli Cláudia Pereira Passos IDADE: 16

01- O QUE VOCÊ ACHA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

Acho que as aulas de história são desinteressantes que um pouco monotônicas devido ao excesso de conteúdo e porque alguns professores não conseguem dinamizar para que não seja uma aula chata com muitos mapas da época.

02- VOCÊ SENTE DIFICULDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA? POR QUÊ?

Depende do assunto, quando é um assunto mais há muitas coisas a serem compreendidas com muitos detalhes e por isso tendo dificuldades em por os fatos materializando dados e acontecimentos, mas em geral não sinto dificuldades nem tendo dificuldades para aprender.

03- O QUE VOCÊ ESPERA DO ESTUDO DA HISTÓRIA? -

Espero que obtenha o conhecimento necessário para que seja aplicada nas provas, pois como vestibulares e concursos.

04- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NAS AULAS DE HISTÓRIA? (FILMES, MÚSICAS, PALESTRAS, JOGOS, ETC...)

Gostaria de filmes relacionados aos conteúdos, tipo o professor apresentar o conteúdo e passar o filme depois para assim ter uma imagem abstrata do conteúdo.

05- QUAL A IMPORTÂNCIA DO USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA?

A importância é ter uma base para estudar, porém não podendo se limitar a ele.

06- COMO VOCÊ UTILIZA O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

Utilizo lendo os capítulos após as consultas nas aulas em sala.

07- COMO O SEU PROFESSOR TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA?

Atualmente não é utilizado em sala, mas quando é ele é usado tirando trechos que nos ajuda a compreender o fato certo.

08- COM QUE FREQUENCIA VOCÊ LÊ O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

() DIARIAMENTE (X) SEMANALMENTE () MENSALMENTE () RARAMENTE

09- O QUE É PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR DE HISTÓRIA?

É um professor que tem domínio sobre o que fala, e consegue ensinar o assunto de forma clara e objetiva, e de modo métodos que sejam dinâmicos.

10- EXEMPLIFIQUE OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA? (VÍDEOS, MÚSICAS, LITERATURAS, ETC...)

São utilizados filmes, porém que são indicados como dicas de estudos, e em algumas vezes a literatura por associar o termo a história, mais em sua grande maioria não é utilizado o livro didático.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FÁBIO GUTEMBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): Marciana Duci Ferreira IDADE: 14

01- O QUE VOCÊ ACHA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

Interessantes. Algumas vezes, não podemos negar que se tornam monótonas, mas são necessárias.

02- VOCÊ SENTE DIFICULDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA? POR QUÊ?

As vezes. Pelo grande número de detalhes a serem assimilados em determinados assuntos.

03- O QUE VOCÊ ESPERA DO ESTUDO DA HISTÓRIA? -

Que a cada dia se aprimore mais, para que essa matéria tão importante se torne prazerosa. E que as pessoas se interessem mais pelo conhecimento do nosso passado.

04- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NAS AULAS DE HISTÓRIA? (FILMES, MÚSICAS, PALESTRAS, JOGOS, ETC...)

Seria interessante a implantação de novas técnicas para chamar a atenção dos estudantes. Filmes para a discussão do assunto estudado, visitas a lugares históricos, mas que isso ocorra com frequência nas escolas, não só uma vez no ano.

05- QUAL A IMPORTÂNCIA DO USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA?

O livro é importante como auxílio do que é dado em sala pelo professor, um complemento.

06- COMO VOCÊ UTILIZA O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

Por curiosidade, para leitura, para estudos, em salas de aula.

07- COMO O SEU PROFESSOR TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA?

Explicando o assunto e fazendo a leitura, lendo com a turma e fazendo comentários com o que está escrito em tal

08- COM QUE FREQUENCIA VOCÊ LÊ O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

() DIARIAMENTE () SEMANALMENTE MENSALMENTE () RARAMENTE

09- O QUE É PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR DE HISTÓRIA?

Aquele que consegue envolver as duas na sala quando ele consegue trazer o fato histórico estudo para a sala de aula. Um bom professor é aquele que dá o assunto de uma forma envolvente, quando o aluno tem vontade de saber do seu passado.

10- EXEMPLIFIQUE OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA? (VÍDEOS, MÚSICAS, LITERATURAS, ETC...)

Filmes, maquiísticos, viagens...

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADEMICA DE HISTORIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTORIA
PROFESSOR ORIENTADOR: ~~FABIO~~ GUTENBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): Cidley Nascimento Cabral IDADE: 15

01- O QUE VOCÊ ACHA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

São aulas que se tornam um pouco cansativas, porque a disciplina exige uma diferenciação de método de ensino entre uma aula e outra, duas aulas no mesmo dia, ninguém aguenta. As aulas de história nos permite conhecer muito mais, porém são monótonas e sempre são: leitura do livro, explicação e copiar resumo.

02- VOCÊ SENTE DIFICULDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA? POR QUÊ?

Não que eu sinta dificuldades, mas esta disciplina sempre nos leva a decodificar e a decodificar quando são cobrados minuciosidades. Outros assuntos não, acabam tornando-se prazerosos.

03- O QUE VOCÊ ESPERA DO ESTUDO DA HISTÓRIA? -

Aprender mais sobre a história na qual eu estou inserido, dependendo de um passado formado para compreender o futuro.

04- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NAS AULAS DE HISTÓRIA? (FILMES, MÚSICAS, PALESTRAS, JOGOS, ETC...)

Filmes e palestras com pessoas de fora do colégio, para que se fugisse da rotina.

05- QUAL A IMPORTÂNCIA DO USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA?

É através dele que eu me preparo para as provas, porém o livro é uma Bíblia o que dificulta sua locomoção de casa para escola.

06- COMO VOCÊ UTILIZA O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

Na leitura dos conteúdos programáticos para poder se aprofundar no que o professor cita em sala.

07- COMO O SEU PROFESSOR TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA?

lendo-o para posteriormente explicar o assunto. Só que isso se torna muito cansativo, e como já disse, trazer o livro para a escola é muito ruim quando o meio de locomoção é o ônibus.

08- COM QUE FREQUENCIA VOCÊ LÊ O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

() DIARIAMENTE SEMANALMENTE () MENSALMENTE () RARAMENTE

09- O QUE É PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR DE HISTÓRIA?

O professor que procura informatizar a disciplina trazendo-a cada vez mais para o nosso cotidiano, tornando a aula prazerosa.

10- EXEMPLIFIQUE OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA? (VÍDEOS, MÚSICAS, LITERATURAS, ETC...)

Paradidáticos, e o próprio livro didático.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR ORIENTADOR: ~~FÁBIO~~ GUTEMBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): CAIRO RICHARDO GOMES CABRAL DE VASCONCELOS IDADE: 14

01- O QUE VOCÊ ACHA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

NA MAIORIA DAS CASAS, AS AULAS DE HISTÓRIA SÃO ENROSCADAS E
LEVAM O ALUNO À DISTRAÇÃO POR ATRAVÉS DE CONVERSAS. O CONTEÚDO
GERALMENTE É EXTENSO, O QUE FAZ COM QUE AS NOTAS DOS
ALUNOS SEJAM BAIXAS.

02- VOCÊ SENTE DIFICULDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA? POR QUÊ?

SINTO UM POUQUINHO DE DIFICULDADE, PELA RAZÃO DA EXTENSÃO
DO CONTEÚDO E TAMBÉM PELA RAZÃO DE AS PROVAS DE HISTÓRIA
GEREM NOTAS NO DIA DO DE MATEMÁTICA, UMA MATÉRIA
DIFÍCIL POR NATUREZA.

03- O QUE VOCÊ ESPERA DO ESTUDO DA HISTÓRIA?

INFELIZMENTE, COMO O CONTEÚDO NÃO É MÍNIMIZADO,
APENAS ESPERO QUE A PROVA ACOMPANHE O DIA DE UMA DE
OUTRA MATÉRIA.

04- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NAS AULAS DE HISTÓRIA? (FILMES, MÚSICAS, PALESTRAS, JOGOS, ETC...)

FILMES PERDERIAM UMA BOMBA QUANDO CASO A TURMA
CYLABORASSE, E PALESTRAS TAMBÉM NÃO SÃO MUITO INTERESSANTES.

05- QUAL A IMPORTÂNCIA DO USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA?

AUXILIA O ALUNO NA COMPREENSÃO DO CONTEÚDO E NO
APRENDIZADO.

06- COMO VOCÊ UTILIZA O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

UTILIZO-O PARA RESOLVER PROBLEMAS DIVERSOS QUE POSSAM EXISTIR, SOBRE UM CONTEÚDO PARA O CADERNO

07- COMO O SEU PROFESSOR TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA?

FAZENDO LEITURAS E ATIVIDADES RELACIONADAS AO ASSUNTO

08- COM QUE FREQUENCIA VOCÊ LÊ O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

() DIARIAMENTE SEMANALMENTE () MENSALMENTE () RARAMENTE

09- O QUE É PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR DE HISTÓRIA?

UM PROFESSOR COMPREENSIVO E PAZIENTE.

10- EXEMPLIFIQUE OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA? (VÍDEOS, MÚSICAS, LITERATURAS, ETC...)

VÍDEOS, LITERATURAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FLÁVIO GUTENBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): Igor Carvalho Barbosa IDADE: 46

01- O QUE VOCÊ ACHA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

A matéria de história, em si, se me agrada. Percebo o interesse e a paixão com a qual minha professora tenta passar o mundo que sabe, contudo, a imaturidade e a mediocridade dos meus colegas são desestimulantes.

02- VOCÊ SENTE DIFICULDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA? POR QUÊ?

Não. Poucas são as vezes que isso ocorre. A Pré-História e os estudos historiográficos não me agradam por serem demasiadamente decorativas, a fim motivo de meu desinteresse. O resto é muito prazeroso.

03- O QUE VOCÊ ESPERA DO ESTUDO DA HISTÓRIA? -

Muito mais do que tenho absorvido em sala. Conhecer com alunos que não acompanham o nível desejado por mim é frustrante. Espero uma mudança radical com a graduação.

04- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NAS AULAS DE HISTÓRIA? (FILMES, MÚSICAS, PALESTRAS, JOGRAIS, ETC...)

Seleção. Alunos que demonstram maior interesse e ou facilidade merecem atenção especial, e não os irresponsáveis. Desenvolva a elite! Esqueçamos os desinteressados! Eles escolheram o próprio caminho.

05- QUAL A IMPORTÂNCIA DO USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA?

O livro didático é importante por manter a sequência linear dos estudos. Estudá-lo, e a ele só, é limitante, é tolhedor.

06- COMO VOCÊ UTILIZA O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

lendo. Os exercícios são muito práticos. Elogio as ilustrações

07- COMO O SEU PROFESSOR TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA?

Ela o utiliza poucas vezes, e está correndo. Quando o livro é usado, a aula torna-se enfadonha. Quando está em sala, prefiro ouvir a professora. Livro: liço-o em casa

08- COM QUE FREQUENCIA VOCÊ LÊ O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

() DIARIAMENTE (X) SEMANALMENTE () MENSALMENTE () RARAMENTE

09- O QUE É PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR DE HISTÓRIA?

Aquela que torna os assuntos didáticos tão interessantes quanto contos de fadas, mas sempre fazendo referências às mesmas próprias interpretações.

10- EXEMPLIFIQUE OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA? (VÍDEOS, MÚSICAS, LITERATURAS, ETC...)

Video, uma vez, sobre o desenvolvimento do homem. Fiz, também, com que pesquisássemos em diversas fontes.

Igor Carvalho Barbosa
16 anos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FÁBIO GUTEMBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): ARTHUR BRASILEIRO IDADE: 15

01- O QUE VOCÊ ACHA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

ABUSADAS, SEM PROVEITO PARA O ALUNO,

02- VOCÊ SENTE DIFICULDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA? POR QUÊ?

SIM, POIS NA MINHA OPINIÃO A PROFESSORA NÃO TEM CAPACIDADE DE TRANSMITIR O CONHECIMENTO PARA O ALUNO

03- O QUE VOCÊ ESPERA DO ESTUDO DA HISTÓRIA? -

NADA SÓ ESPERO QUE NO PRÓXIMO BIMESTRE O ASSUNTO SEJA REDUZIDO, O NÍVEL DAS PROVAS PODE AUMENTAR MAS O ASSUNTO TEM QUE DIMINUIR POIS UM ALUNO QUE NADA SE DEU BEM EM PROVAS ANTERIORES NÃO TEM MUITA CHANCE DE SE DAR BEM EM OUTRAS PROVAS

04- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NAS AULAS DE HISTÓRIA? (FILMES, MÚSICAS, PALESTRAS, JOGOS, ETC...)

NADA DISSO SÓ QUE AS AULAS FOSSEM MAIS DIVERSAS E FIZESSEM O ALUNO SENTIR O CONHECIMENTO

05- QUAL A IMPORTÂNCIA DO USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA?

TUDO POIS ÚLTIMAMENTE NAS AULAS GERAIS, A PROFESSORA USA O LIVRO COMO FONTE DE PESQUISA

06- COMO VOCÊ UTILIZA O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

PESQUISANDO PARA COMPLETAR OS TÓPICOS
QUE A PROFESSORA DEIXA NO QUADRO. EX: POLÍTICA DE ROMM
a) ... b) ... NÓS TEMOS QUE COMPLETAR OS
~~SÓ~~ OU MELHOR? FAREM.

07- COMO O SEU PROFESSOR TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA?

~~ELA~~ ELA NÃO TRABALHA QUE TRABALHA O LIVRO
DE HISTÓRIA SOMOS NÓS

08- COM QUE FREQUENCIA VOCÊ LÊ O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

() DIARIAMENTE () SEMANALMENTE (x) MENSALMENTE () RARAMENTE

09- O QUE É PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR DE HISTÓRIA?

UM PROFESSOR DIVERTIDO, QUE SAIBA TRANSMITIR
O CONHECIMENTO PARA OS ALUNOS DE UMA
MANEIRA QUE O CONHECIMENTO FIQUE FIXADO.

10- EXEMPLIFIQUE OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA? (VÍDEOS, MÚSICAS, LITERATURAS, ETC...)

LÁPIS PILOTO AZUL E PRETO PARA QUADRO
BRANCO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FÁBIO GUTEMBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): Letícia Maycon Da Silva Brito IDADE: 15

01- O QUE VOCÊ ACHA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

AS AULAS DE HISTÓRIA SÃO INTERESSANTES POIS
ME AJUDAM A APRENDER MAIS SOBRE O PASSADO
PORÉM O CONTEÚDO É ENORME ISSO TORNA
A MATÉRIA A MAIS DIFÍCIL.

02- VOCÊ SENTE DIFICULDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA? POR QUÊ?

AS VEZES QUANDO NÃO PRESTO A ATENÇÃO
POR QUE HISTÓRIA É UMA MATÉRIA QUE REQUER
MUITA ATENÇÃO.

03- O QUE VOCÊ ESPERA DO ESTUDO DA HISTÓRIA? -

EU ESPERO QUE CONTINUE SENDO INTER-
ESSANTE E QUE NÃO FIQUE MONÓTONA.

04- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NAS AULAS DE HISTÓRIA? (FILMES, MÚSICAS, PALESTRAS, JOGOS, ETC...)

EU GOSTARIA DE QUE TIVESSE FILMES POIS
EU ACHO MAIS FÁCIL APRENDER HISTÓRIA ATRAVÉS
DE FILMES.

05- QUAL A IMPORTÂNCIA DO USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA?

FACILITA O ESTUDO POIS O LIVRO TRAZ
TUDO O CONTEÚDO DA SÉRIE.

06- COMO VOCÊ UTILIZA O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

EU LEO O CONTEÚDO QUE VAI CAIR NA PROVA, ASSIM É MAIS FÁCIL ESTUDAR.

07- COMO O SEU PROFESSOR TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA?

ELE LÊ O CONTEÚDO E FAZ UM RESUMENHO DEPOIS ESPLICA ISSO FACILITANDO A COMPREENSÃO DO ALUNO.

08- COM QUE FREQUENCIA VOCÊ LÊ O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

DIARIAMENTE SEMANALMENTE MENSALMENTE RARAMENTE

09- O QUE É PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR DE HISTÓRIA?

UM PROFESSOR QUE SABE EXPLICAR, UM PROFESSOR QUE TIPO A DÚVIDA DO ALUNO NA HORA QUE ELE PRECISA.

10- EXEMPLIFIQUE OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA? (VÍDEOS, MÚSICAS, LITERATURAS, ETC...)

~~ELA~~ MINHA PROFESSORA DE HISTÓRIA TRABALHA COM O QUADRO O LIVRO E AS LETRAS PASSA FILMES DE ACORDO COM O CONTEÚDO.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FÁBIO GUTEMBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

1. publico

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): gênia bomilla

IDADE: 19

01- O QUE VOCÊ ACHA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

As aulas de história não são bem interessantes (quando deixam você assistir), são aulas de informação ~~do~~ sobre o passado

02- VOCÊ SENTE DIFICULDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA? POR QUÊ?

às vezes, porque muitas vezes tenho preguiça de ler o livro

03- O QUE VOCÊ ESPERA DO ESTUDO DA HISTÓRIA? -

Novos conhecimentos sobre o passado da nossa e de outras nações, conhecer nossas culturas.

04- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NAS AULAS DE HISTÓRIA? (FILMES, MÚSICAS, PALESTRAS, JOGRAIS, ETC...)

Filmes, músicas que abordassem o assunto estudado

05- QUAL A IMPORTÂNCIA DO USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA?

O livro é a base do estudo, com ele nós nos informamos

06- COMO VOCÊ UTILIZA O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

Os livros e os vídeos são e diversas ilustrações interessantes

07- COMO O SEU PROFESSOR TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA?

Utiliza muito pouco o livro, quando é usado ele é lido e a professora explica em sala o dia que é para fazer

08- COM QUE FREQUENCIA VOCÊ LÊ O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

() DIARIAMENTE () SEMANALMENTE (X) MENSALMENTE () RARAMENTE

09- O QUE É PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR DE HISTÓRIA?

É aquele professor que explica o assunto, faz uma boa explanação daquele assunto.

10- EXEMPLIFIQUE OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA? (VÍDEOS, MÚSICAS, LITERATURAS, ETC...)

Nenhum.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FÁBIO GUTEMBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): Marcilene de Oliveira Ramos IDADE: 18

01- O QUE VOCÊ ACHA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

Ótimas! Pois nos retrata conhecemos históricos passados, e que nos faz refletir sobre históricos que não conhecemos.

02- VOCÊ SENTE DIFICULDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA? POR QUÊ?

Não, porque temos uma excelente professora, que nos tira as pequenas dúvidas.

03- O QUE VOCÊ ESPERA DO ESTUDO DA HISTÓRIA?

Espero ter bons conhecimentos, pois a história tem muitos assuntos interessantes.

04- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NAS AULAS DE HISTÓRIA? (FILMES, MÚSICAS, PALESTRAS, JOGOS, ETC..)

filmes, pois seria uma aula diferente.

05- QUAL A IMPORTÂNCIA DO USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA?

Tem a importância de um complemento numa explicação melhor na sala de aula.

06- COMO VOCÊ UTILIZA O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

Bem cuidado, solto, e bem conservado.

07- COMO O SEU PROFESSOR TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA?

Em equipes com comentários específicos quando resolve o assunto.

08- COM QUE FREQUENCIA VOCÊ LÊ O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

() DIARIAMENTE (X) SEMANALMENTE () MENSALMENTE () RARAMENTE

09- O QUE É PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR DE HISTÓRIA?

Aquele que incentiva o aluno a estudar e compreender e que possa ter um bom diálogo na sala de aula.

10- EXEMPLIFIQUE OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA? (VÍDEOS, MÚSICAS, LITERATURAS, ETC...)

literatura, apostila, e temas de jornais.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FÁBIO GUTEMBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): Marcela Almeida Silva 3º C Noite IDADE: 22 anos

01- O QUE VOCÊ ACHA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

Admiro muito o estudo do nosso passado.
E a história nos ajuda muito.

02- VOCÊ SENTE DIFICULDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA? POR QUÊ?

Não, com o ensino prático, e a vontade
de aprender tudo se torna mais fácil

03- O QUE VOCÊ ESPERA DO ESTUDO DA HISTÓRIA? -

Aprender mais para o presente, estudando
o nosso passado.

04- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NAS AULAS DE HISTÓRIA? (FILMES, MÚSICAS, PALESTRAS, JOGOS, ETC...)

A minha aula de História é completa, se tivesse
a colaboração dos alunos seria de mais proveito.
A professora nos envolve de todas as maneiras
traçando o passado para o presente, nos
ensinando de fato mais simples possível.

05- QUAL A IMPORTÂNCIA DO USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA?

Envolver com mais facilidade o entu-
samento dos alunos com a importância
da História.

06- COMO VOCÊ UTILIZA O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

Trabalho em - equipe semanalmente, com seminários, estudando utilizando o nosso livro.

07- COMO O SEU PROFESSOR TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA?

Utiliza semanalmente com xerox para os alunos avaliando o conteúdo feito por cada pessoa, com vários temas e capítulos diferentes.

08- COM QUE FREQUENCIA VOCÊ LÊ O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

() DIARIAMENTE SEMANALMENTE () MENSALMENTE () RARAMENTE

09- O QUE É PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR DE HISTÓRIA?

Um professor que nos envolva, e transmita a importância de nossas vidas passadas.

10- EXEMPLIFIQUE OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA? (VÍDEOS, MÚSICAS, LITERATURAS, ETC...)

Videos, estamos nos envolvendo aos poucos, a aula teórica e a melhor opção, atraindo os alunos e os fazendo participar das aulas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTORIOGRAFIA E ENSINO DE HISTÓRIA
PROFESSOR ORIENTADOR: FÁBIO GUTEMBERG
ORIENTANDA: GILMA D'ARC BATISTA

ENTREVISTA SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A UTILIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO MÉDIO

ALUNO(A): Maria Nelly Pereira dos Santos IDADE: _____

01- O QUE VOCÊ ACHA DAS AULAS DE HISTÓRIA?

Muito gratificante para o nosso aprendizado geral, e ressaltando excelente.

02- VOCÊ SENTE DIFICULDADES NO ENSINO DE HISTÓRIA? POR QUÊ?

Não, porque a mesma professora é muito culta em suas matérias, sabe o que faz.

03- O QUE VOCÊ ESPERA DO ESTUDO DA HISTÓRIA? -

Aprender mais e melhorar para todos os aspectos principalmente para que nos preparemos para um bom futuro para contar

04- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NAS AULAS DE HISTÓRIA? (FILMES, MÚSICAS, PALESTRAS, JOGOS, ETC...)

A minha aula de história foi e é completa.

05- QUAL A IMPORTÂNCIA DO USO DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA?

Para que o aluno possa obter informações para o seu aprendizado.

06- COMO VOCÊ UTILIZA O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

Resquisando e obtendo mais conheci-
mentos.

07- COMO O SEU PROFESSOR TRABALHA O LIVRO DIDÁTICO EM SALA DE AULA?

Todo ~~o~~ conteúdo aplicado ele pede
que em forma de grupos para os pes-
quisar temas.

08- COM QUE FREQUENCIA VOCÊ LÊ O SEU LIVRO DE HISTÓRIA?

() DIARIAMENTE (X) SEMANALMENTE () MENSALMENTE () RARAMENTE

09- O QUE É PARA VOCÊ UM BOM PROFESSOR DE HISTÓRIA?

É aquele que dá sua disciplina com se-
quência e transmite confiança para
o aluno dentro de suas explicações.

10- EXEMPLIFIQUE OS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS PELO SEU PROFESSOR DE HISTÓRIA? (VÍDEOS, MÚSICAS, LITERATURAS, ETC...)

Vídeos incluindo história da Paraíba...
literatura - etc